

MOGO
LISBOA
PHOTO
FESTIVAL
2022



IMAGO
LISBOA
PHOTO
FESTIVAL
2022



OUTUBRO

Espaços Oficiais :: Official Venues

MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea
IPCI - Instituto de Produção Cultural e Imagem
SNBA – Sociedade Nacional de Belas-Artes
Museu da Água – núcleo dos Barbadinhos
Galeria de Santa Maria Maior
Carpintarias de São Lázaro
Galeria Imago Lisboa
Imago Garage
SALTO

Espaços Associados :: Associated Venues

Atelier de Lisboa
119 Marvila Studio
A Pequena Galeria
Galeria Little Chelsea
Galeria Carlos Carvalho
Instituto Cultural Romeno
Underdogs Gallery - Capsule
Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico

ÍNDICE

7	Apresentação	101	Espaços Associados
9	Mensagem do Vereador da Cultura	102	Carlos Lobo
		104	Guilherme Silva
11	Harri Pälviranta	106	Coletiva - Atelier de Lisboa
22	Donna Ferrato	108	José Maçãs de Carvalho
26	Mafalda Rakoš	110	Laurent Hou
30	Silvy Crespo	112	Alina Zahaira
34	Pedro Lobo	114	Alexandra Cabral
38	Silja Yvette	116	The Art of Rage
42	Alexandre Delmar		
46	Lisa Kohl	119	Atividades
50	Flávio Andrade		
54	Filippo Zambon	124	Biografias
58	Hannah Kozak	131	Biographies
62	Smita Sharma		
66	Tariq Zaidi		
70	Vlad Sokin		
78	António Carrapato		
80	Maria do Mar Rêgo		
82	António Cunha		
84	Augusto Brázio		
86	Coletivo landé		
88	Dayan de Castro		
90	Gui Christ		
92	Lalo de Almeida		
96	Deanna Pizzitelli		

PRESENTATION

IMAGO LISBOA Photo Festival is a paramount event in the national and international photography scene.

In 2022, the 4th edition of Imago Lisboa gravitates around the idea of Disturbances. The concept is rather broad and can be explored in multiple directions. The possibilities are countless, ranging from the pandemic caused by Covid 19 and its subsequent disturbances, especially psychological and economical, to diseases such as bulimia and anorexia, caused by eating disorders; and from environmental disturbances and various types of social disturbances to the disturbances caused in the digital world by cyberattacks.

The history of humanity cycles through disturbing moments of different types and intensity. The recent pandemic was probably the high point of disturbances in the post-World War II period. Its global dimension was unprecedented, revealing many of the fragilities of our political and economic systems, but also the responsiveness of the international scientific community. In addition to the pandemic, the planet faces many other disturbances. Pollution and recurring ecological disasters have been on the agenda of several Summits; social and domestic violence often make headlines; mental and social disorders are on the rise; migration as a result of war or famine or resource scarcity; financial scandals; there are many possible approaches and paths for study and reflexion.

We were far from anticipating that, after the pandemic, Europe would again be the theatre of a new war. But it's not only in Europe that this scenario torments humanity. Other, more distant theatres, experience atrocities daily: Yemen, Afghanistan, and others.

With this new edition, Imago Lisboa brings together a diverse set of renowned authors that contribute to the proposed theme through their perspectives, reflexions, and denunciations.

Rui Prata

APRESENTAÇÃO

O **IMAGO LISBOA** Photo Festival é um acontecimento marcante no panorama da fotografia nacional e internacional.

Em 2022, a 4ª edição do Imago Lisboa gravita em torno da ideia de Distúrbios. Este conceito é bastante abrangente e pode ser explorado em múltiplas direções. A pandemia provocada pela Covid 19 e todos os distúrbios consequentes, sobretudo psicológicos e económicos, a violência doméstica e social, passando por doenças como a bulimia e anorexia, resultantes de distúrbios alimentares, estendendo-se pelas perturbações ambientais até aos mais variados distúrbios sociais, e ainda as perturbações geradas no mundo digital pelos ataques de hackers, as possibilidades de abordagem são vastas.

A história da humanidade percorre, ciclicamente, momentos perturbadores de diferentes intensidades e tipologias. Naturalmente que a recente pandemia foi, provavelmente, o culminar dos distúrbios após a Segunda Guerra Mundial. A sua dimensão teve uma globalidade nunca outrora existente, revelando muitas das fragilidades dos sistemas políticos e económicos, mas revelando também a capacidade de resposta da comunidade científica internacional. Para além desta pandemia, são muitos outros os distúrbios que o planeta enfrenta. A poluição e recorrentes desastres ecológicos têm estado na agenda de várias cimeiras; a violência social e doméstica tem feito várias manchetes; os distúrbios mentais e sociais têm aumentado; as migrações resultantes de fuga às guerras e à escassez de meios de subsistência; escândalos financeiros, são muitos os exemplos de possível abordagem, estudo e reflexão.

Longe estávamos, também, de antever que após a pandemia a Europa seria palco de uma nova guerra. Mas não é apenas na Europa que esse cenário atormenta a humanidade. Outros palcos, mais longínquos, experimentam diariamente as atrocidades: Iémen, Afeganistão e outros.

Com esta nova edição, o Imago Lisboa traz um conjunto diverso de reconhecidos autores que concorrem para uma observação, denuncia e reflexão em torno da temática proposta.

Rui Prata

Imago Lisboa 2022

The goal of this festival, whose first edition took place in 2019, is to foster knowledge and interest in photography, with a pedagogical concern, through the dissemination of its contemporary expressions and narratives. This goal is worthy of praise and support.

In its 4th edition, the festival revolves around the idea of “disturbances”, triggered by the Covid 19 pandemic, that has constrained life on the planet, but focusing as well on other issues faced by contemporary societies, such as social and ecological problems, cyberattacks and warfare, with an aim to fight and overcome them.

It is with pleasure that I emphasise the role that, once more, the Photographic Archive and the municipal libraries, namely the Galveias Palace and the Marvila library, play in the festival, as stage for exhibitions and lectures, namely on the topic of the history of photography.

The city of Lisbon should and does stand alongside photography as a means of artistic expression, documenting the perplexities, challenges, and achievements of our times, and it is for that reason that the Municipality partners enthusiastically with the 4th Edition of Imago Lisboa.

Diogo Moura
Councillor for Culture at the Lisbon City Council

Imago Lisboa 2022

O objetivo do festival, cuja primeira edição ocorreu em 2019, de fomentar o conhecimento e interesse pela fotografia, com uma preocupação pedagógica, através da divulgação das suas expressões e narrativas contemporâneas, é algo que apraz relevar e apoiar.

Nesta quarta edição, o festival centra-se na ideia de “distúrbios”, desde logo espoletada pela situação de pandemia do Covid 19, que tem condicionado a vida no planeta, mas focando também os problemas sociais, ecológicos, os ataques informáticos e as guerras que as sociedades contemporâneas enfrentam, com intuitos que também são de os combater e superar.

É com satisfação que destaco que, mais uma vez, o Arquivo Fotográfico e as bibliotecas municipais, neste caso a do Palácio Galveias e a de Marvila, integram as atividades, como palco de exposições ou palestras, nomeadamente em torno da história da fotografia.

A cidade de Lisboa deve estar e está com a fotografia enquanto meio de expressão artística e documental das perplexidades, desafios e superações humanas do nosso tempo, e por essa razão o Município associa-se com entusiasmo à 4ª Edição do Imago Lisboa.

Diogo Moura
Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa

HARRI PÄLVIRANTA

Battered

Batteries and street fights are everynight activities during the weekends in Finland. People have a strong tendency of getting rather intoxicated during the partying and once drunk, people are released from their inhibitions. Aggression turns into physical acts, to direct violence.

There is a social awareness on this topic in Finland, the issue is recognized, and it is considered to be a severe social problem. But the discussion has mainly literal dimensions, it appears in news headlines, and it is discussed in seminars. There are no images from these happenings.

By photographing assaults and batteries, Harri Pälviranta wishes to show the real faces of street violence in Finland. In contrast to the stereotypic portrayals of male heroicism and the worn-out attempts at shocking people he is interested in dealing with the utmost banality inherent in violence. What he finds more unsettling than any single representation of physical injuries is the everyday nature of street violence and the laissez-faire attitude towards it in the Finnish society.

Harri Pälviranta

MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea

Brigas, escaramuças e lutas de rua são ocorrências frequentes à noite, durante o fim-de-semana na Finlândia. Há uma tendência forte para ficar alcoolizado em festas e saídas noturnas, e uma vez alcoolizadas, as pessoas libertam-se de certas inibições. As agressões tornam-se físicas, e resultam em violência.

O problema é reconhecido pela sociedade finlandesa, e é considerado grave. Mas o debate não vai além da dimensão literal, faz as parangonas nos jornais e é discutido em seminários. Não há imagens destas ocorrências.

Ao fotografar ataques e agressões, Harri Pälviranta pretende mostrar as faces reais da violência de rua na Finlândia. Em contraste com os retratos estereotipados de heroísmo masculino e tentativas gastas de chocar o público, Pälviranta está interessado em lidar com a extrema banalidade inerente à violência. O que lhe parece mais perturbador que qualquer uma das representações dos golpes e ferimentos é a natureza cotidiana da violência de rua, e a atitude de laissez-faire em relação a ela que predomina na sociedade finlandesa.

Harri Pälviranta

Com o apoio / With the support:

INSTITUTO
IBEROAMERICANO
DA FINLÂNDIA



Tried to help his colleague, 20,15pm / from the series BATTERED (2006–2007)
85 x 85 cm, 2007, handprinted chromogenic colour photograph on Dibond and laminated.



A Finnish-Swede hit by a Finn, 01,20am / from the series BATTERED (2006–2007)
60 x 60 cm, 2007, handprinted chromogenic colour photograph on Dibond and laminated.

HARRI PÄLVIRANTA

News Portraits 2010-2014

These images are portraits of the perpetrators of the ten most fatal school shootings since the Columbine massacre in 1999. Five of the shooters are from the USA, two from Germany, two from Finland and one from Brazil.

School shootings are rare, but repetitive phenomena, with the perpetrators sharing significant similarities. Research shows that school shootings are acts motivated by individual troubles rather than political motives, and they are never totally impulsive acts. Rather, the shooter, a young man who is a student or former student of a particular school, will slowly become excluded from his peers. Often, he faces bullying at school. His family circumstances may be normal but the young man himself feels alienated. There is usually some sort of serious drawback in his personal life and he feels rejected. His final attempt to redeem his position as an alpha male is to commit an act so horrific in scale that it will give him eternal fame.

The treatment of school shootings in the media has both positive and negative effects. On the one hand, the dramatic stories can construct a myth around the shooter making him the idol he wished to be, encouraging copycat behaviour and celebration of violence. On the other hand, media presentations of violence people can confront the horrible act from a safe distance.

As Susan Sontag reminds us, photographs of agony not only remind the viewers of the explicit issues presented in the photographs, but also of the existence of a culture of violence in general. Connected to ethical considerations, images of violence can invite viewers "to pay attention, to reflect, to learn and to examine" not only the images and their aesthetics, but also the culture of violence they depict and of which the viewer is unavoidably a part.

Portraits of American school shooters are constructed from photographed clippings from American newspapers and Internet news. Similarly, the portraits of Finnish school shooters are constructed from Finnish media, the German portraits from German media and the Brazilian portrait from Brazilian media. All of the appropriated articles are gun and shooting related, and each portrait contains over a thousand different news headlines. Thus, this series is inherently multilingual and multicultural despite the singularity of each image and event, alluding to the social connectedness that these young men have through the Internet. Through social media and other web based practices these shooters constitute a kind of imagined community and common culture that this series hopes to reveal and understand.

Harri Pälviranta

Estas imagens são os retratos dos autores dos dez piores tiroteios em escolas desde o massacre de Columbine em 1999. Cinco dos autores são dos EUA, dois da Alemanha, dois da Finlândia e um do Brasil.

Os tiroteios em escolas são um fenómeno raro, mas que se repete, e os seus autores têm alguns traços em comum. A investigação mostra que os tiroteios nas escolas são motivados por problemas individuais e não por motivações políticas, e que nunca são atos completamente impulsivos. O atirador, normalmente um jovem estudante ou ex-estudante de uma dada escola, vai sendo progressivamente excluído pelos seus colegas. Muitas vezes, é alvo de bullying na escola. As circunstâncias familiares podem ser normais, mas o jovem sente-se alienado. Há geralmente algum tipo de contrariedade na sua vida pessoal e ele sente-se rejeitado. A sua tentativa final de resgatar a sua posição de macho alpha é cometer um ato tão terrível e de grande escala que lhe dará fama eterna.

O tratamento mediático dado aos tiroteios escolares tem efeitos positivos e negativos. Por um lado, a história dramática pode constituir um ponto de partida para a construção de um mito, fazendo do atirador o ídolo que ele almeja ser, e encorajando comportamentos de imitação e a celebração da violência. Por outro lado, o tratamento da violência nos meios de comunicação pode permitir às pessoas lidar com atos terríveis a uma distância segura.

Como nos recorda Susan Sontag, a fotografia da agonia não só lembra o público das questões explicitamente presentes nas imagens em si mesmas, mas também da existência de uma cultura de violência em geral. Relativamente a considerações éticas, as imagens da violência podem convidar o público "a prestar atenção, a refletir, a aprender e a examinar" não só as imagens em si e a sua estética, mas também a cultura de violência que elas representam e da qual o público faz inevitavelmente parte.

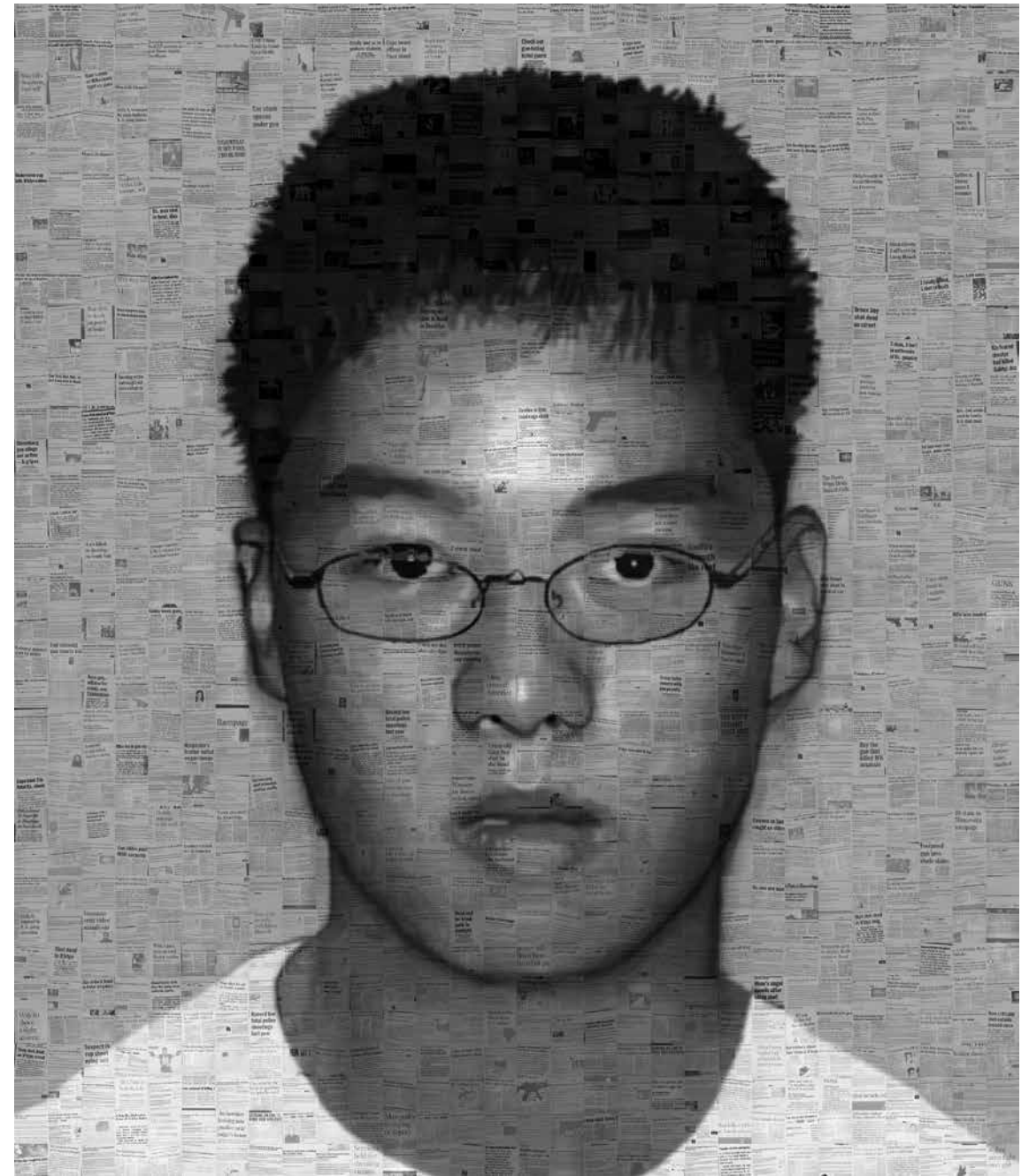
Os retratos dos atiradores americanos são feitos a partir de recortes de fotografias tirados de jornais americanos e notícias da Internet. Do mesmo modo, os retratos dos atiradores finlandeses são construídos a partir de notícias nos meios de comunicação finlandeses, os retratos alemães dos meios de comunicação alemães, e os retratos brasileiros dos media brasileiros. Todos os artigos usados são artigos relacionados com armas ou tiroteios, e cada retrato contém 1050 artigos diferentes. Esta série é portanto inerentemente multilingue e multicultural, apesar da especificidade de cada imagem e ocorrência, aludindo à ligação entre estes jovens através da Internet. Devido às redes sociais, estes atiradores constituem uma espécie de comunidade imaginária com uma cultura comum que este trabalho pretende revelar e compreender.

Harri Pälviranta



News portrait # 3 (school shooter Auvinen, Finland), 2010

151,5 x 132 cm



News portrait # 6 (school shooter Cho, USA), 2013

151,5 x 132 cm

HARRI PÄLVIRANTA

Choreography of violence

For the last twenty years, Harri Pälviranta has been collecting historical press photographs depicting actual acts of violence. Although this collection of odd and haunting news photographs constitutes neither properly organized nor historically grounded archive, it can be seen as a visual narrative of how actual violence was depicted in mainstream news media in the B&W press image era.

The collection appears as a starting point for *Choreography of Violence*. Pälviranta has analysed the photos – paying special attention on how the victim is portrayed and how his body reacts to the use of force – and based on this analysis, created new works. Thus, the collection functions as a reference and a material. Pälviranta conserves, cuts, rephotographs and reinterpretes the photos from the collection.

This manifold approach aims to visualize recurrent practices in depicting actual acts of violence. Modes of historical press photos may also mark the contemporary way of visualising violence. Pälviranta's practice can be seen as artistic research. Within this framework, pictures articulate not only facts but also emotions, carnality, oddities, passions and uncertainty. In this manner, they aim at provoking more alternative verisimilitude than conventional written research reports

Harri Pälviranta

Durante os últimos vinte anos, Harri Pälviranta tem vindo a colecionar fotografias históricas de imprensa que retratem atos de violência. Muito embora esta coleção de estranhas e terríveis fotografias não constitua um arquivo organizado nem historicamente substanciado, pode ser visto como uma narrativa visual descrevendo como a violência era descrita nos meios de comunicação tradicionais na época da impressão a preto e branco.

A coleção é um ponto de partida para *Choreography of violence*. Pälviranta analisa as fotografias – prestando particular atenção ao modo como a vítima é retratada e como o seu corpo reage ao uso da força – e baseia-se nesta análise para criar novos trabalhos. Assim, a coleção funciona como referência e como matéria. Pälviranta conserva, corta, re-fotografa e re-interpreta as fotografias da coleção.

Esta abordagem multiforme tem por objetivo revelar práticas recorrentes na representação de atos de violência reais. Tendências históricas na fotografia de imprensa podem também marcar a forma contemporânea de ver a violência. A prática de Pälviranta pode ser vista como uma investigação artística. Neste contexto, as imagens articulam não apenas factos mas também emoções, carnalidade, excentricidades, paixões e incertezas. Deste modo, visam provocar uma verossimilhança alternativa à dos relatos escritos convencionais.

Harri Pälviranta



From the series CHOREOGRAPHY OF VIOLENCE, 2020

53,8 x 43,8 cm Archival ink print, mounted on composite aluminum, framed with museum glass



From the series CHOREOGRAPHY OF VIOLENCE, 2020

40,7 x 35,7 cm Press photograph, framed with museum glass

Holy is a collection of my photographs about the wisdom & courage of women, female identifying and non gender conforming persons.

The incredible people who've inspired me for half a century. I have been there watching them go through the steps of becoming survivors of male violence always amazed at how they manage to do the impossible and reclaim their dignity. Without help from society, women are still the righteous winners because they stand for love over hate.

We live in a world that fears women's autonomy. I have been watching the way it works –the grand scheme to undermine the rights of women. Now I am putting my research and my heart on the line to demystify how people see women.

The way I see it, every woman comes from the Mother of God. Every woman is that Mary, the virgin, who brought a life into the world while performing a miracle against the odds. Nobody has the right to interfere with a woman's right to choose. The body of a woman embodies the hope of civilization. The body of a woman is the HOLY Grail.

My photographs are a call to action. Women. Children. Good loving men. We must Unite with uniform purpose: to protect women. Holy is the accumulation of all the rage, the hope, the fight, the rights that all women have gathered through history. We are ready. We are watching. We are the Mother. We are the Daughter. We are the Other.

Donna Ferrato

Holy é uma compilação das minhas fotografias sobre a sabedoria e coragem das mulheres, sobre pessoas que se identificam com o gênero feminino, e pessoas que não se identificam com qualquer gênero.

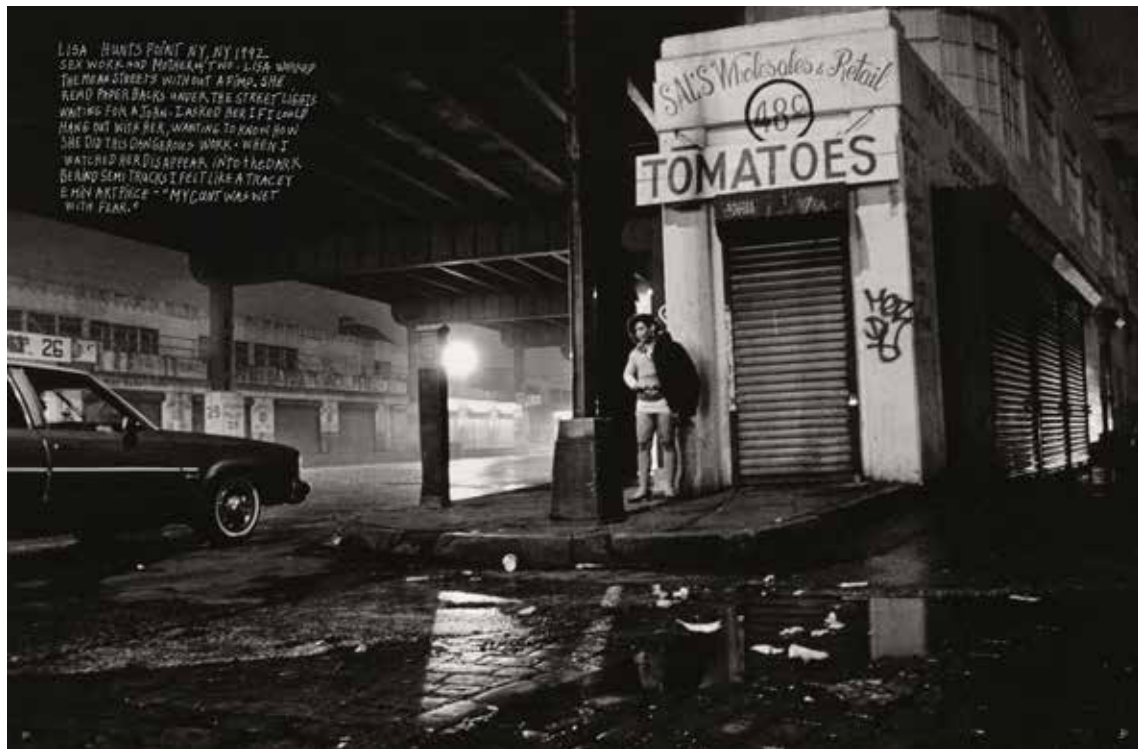
Essas pessoas incríveis que me inspiraram por meio século. Eu observei o seu percurso e as etapas que tiveram que percorrer para sobreviver à violência masculina, sempre maravilhado com a forma como conseguiam fazer o impossível e reivindicar a sua dignidade. Ainda que sem ajuda da sociedade, as mulheres são as justas vencedoras porque defendem o amor sobre o ódio.

Vivemos num mundo que teme a autonomia das mulheres. Tenho observado como funciona - o grande esquema para enfraquecer os direitos das mulheres. Agora estou a expor a minha pesquisa e o meu coração para desmistificar a forma como as pessoas vêem as mulheres.

A meu ver, toda a mulher tem origem na Mãe de Deus. Toda a mulher é aquela Maria, a virgem, que trouxe ao mundo uma vida que resultava de um milagre, contra todas as probabilidades. Ninguém tem o direito de interferir no direito de escolha da mulher. O corpo de uma mulher representa a esperança da civilização. O corpo de uma mulher é o Santo Graal.

As minhas fotos são um apelo à ação. Mulher. Crianças. Homens bons e amorosos. Devemo-nos unir com um propósito uniforme: proteger as mulheres. Holy é a acumulação de toda a raiva, da esperança, da luta, dos direitos que todas as mulheres conquistaram ao longo da história. Estamos prontos. Estamos atentos! Nós somos a Mãe. Nós somos a Filha. Nós somos o Outro.

Donna Ferrato



Approaching Eating Disorders, 2013-2018

Eating Disorders are not just about food or the desire to be thin, and they are much more widespread than commonly assumed. One out of ten women, so the current hypothesis, struggles with Anorexia, Bulimia, Binge Eating or another form of the phenomenon. Research confirms that especially those living in industrialized countries are at highest risk to be affected. Nevertheless, the sources and effects of this illness are still highly stigmatized and excluded from societal discourse.

In *I want to disappear*, 20 young women intimately share their testimonies. What does it feel like to be affected? How is this conflict linked to one's own (sexual) identity, and why does controlling one's body help someone to feel "better", even just for a short time?

Many interviews and an anthropological interest into the phenomenon lie at the core of this partly autobiographical project. Mafalda Rakoš took up this sensitive subject through a collaborative approach: drawings, texts, sculptures and pictures taken by the protagonists and the photographer are layered above each other in the book and wall installation.

Being able to look at the experience rather than being caught up in it— a moment of empowerment? Very soon, a new perspective is revealed: eating disorders are never a sign of weakness. And one is by no means alone with it.

Mafalda Rakoš

Approaching Eating Disorders, 2013-2018

Os distúrbios alimentares não se cingem à relação com a comida ou ao desejo de ser magro, e são muito mais comuns do que é geralmente assumido. Uma em cada dez mulheres, estima-se atualmente, sofre de anorexia, bulimia, transtorno da compulsão alimentar periódica ou outras formas de distúrbio alimentar. Estudos confirmam que as pessoas que vivem em países industrializados estão mais em risco de ser afetadas. No entanto, as causas e efeitos destas doenças são ainda estigmatizados e omitidos do debate social.

Em *Eu quero desaparecer*, 20 mulheres jovens partilham os seus testemunhos íntimos. Como é ser afetada por estas doenças? Como é que este conflito se relaciona com a nossa própria identidade (sexual), e porque é que ter controle sobre o nosso corpo nos ajuda a sentirmo-nos "melhor", mesmo que por pouco tempo?

No cerne deste projeto, em parte autobiográfico, estão várias entrevistas e um interesse antropológico no fenómeno. Mafalda Rakoš abordou este assunto delicado através de uma metodologia colaborativa: desenhos, textos, esculturas e fotografias tiradas pelas protagonistas e pela fotógrafa são dispostas umas por cima das outras em camadas no livro e na parede da instalação.

Ser capaz de olhar para a experiência em vez de ser dominada por ela – um momento de emancipação? Logo, uma nova perspectiva é revelada: os distúrbios alimentares nunca são sinal de fraqueza. E não estamos de modo nenhum sozinhos nesta luta.

Mafalda Rakoš



This is a story about exploitation and resistance in the land of the white gold, and it begins with the mountains. It is said that hidden underneath the gray rocks of the Barroso mountains is a precious silvery white metal.

Aware of the irreparable damages that the mining of the resource would cause to the landscapes and groundwater supplies, inhabitants of the region refuse to see mineral rights signed away to corporations in the interest of fast but ephemeral profits.

Portugal is said to be Europe's largest reserve of lithium. Due to a growing demand, it launched an auction of lithium prospection and exploration licenses. The promises of the past are the lies of today: creation of employment and economic growth. But who could fail to read the sermon in the rocks of Barroso?

Who could think that an open pit mine could guarantee ecological salvation when between the mountains, the ruins of the mining past stand still, traces and omens of pillaged resources and duped aspirations?

Deriving its title from mining industry jargon, where 'elephant hunting' connotes the prospection of minerals in places where they are relatively abundant, The Land of Elephants is an ongoing project combining analog photographs, satellite imagery and video. The juxtaposition of these visual registers constructs an environmental timeline, inducing a double gaze: to the permanent damage inflicted on the landscape in the past, and then into the future, with its impending threats of further destruction.

Silvy Crespo

Esta é uma história sobre exploração e resistência na terra do ouro branco, e começa com as montanhas. Diz-se que escondido debaixo das rochas cinzentas das montanhas de Barroso está um precioso metal branco prateado.

Conscientes dos danos irreparáveis que a exploração mineira deste recurso causaria às paisagens e ao abastecimento de águas subterrâneas, habitantes da região recusam-se a ver direitos minerais concedidos a empresas, no interesse de lucros rápidos, mas efêmeros.

Diz-se que Portugal é a maior reserva de lítio da Europa. Devido a um pedido crescente, Portugal lançou um leilão para a atribuição de licenças de pesquisa e exploração de lítio. As promessas do passado são as mentiras do presente: criação de emprego e crescimento económico. Mas quem poderia deixar de ler o sermão nas rochas de Barroso?

Quem poderia pensar que uma mina a céu aberto irá garantir a salvação ecológica quando entre as montanhas, as ruínas do passado mineiro permanecem, vestígios e presságios de recursos pilhados e aspirações iludidas?

Derivando o seu título do jargão da indústria mineira, onde "caça ao elefante" conota a prospecção de minerais em locais onde estes são relativamente abundantes, The Land of Elephants é um projeto em curso que combina fotografias analógicas, imagens de satélite e vídeo. A justaposição destes registos visuais constrói uma linha temporal ambiental, induzindo um duplo olhar: para os danos permanentes infligidos à paisagem no passado, e depois para o futuro, com as suas ameaças iminentes de maior destruição.

Silvy Crespo



Augusto dos Anjos was the name that came to mind when I finished reading the book *Not Yet* by the Brazilian photographer Pedro S. Lobo (2020). Other artists, poets and musicians also deserve to be mentioned in connection with this funereal and decrepit display, that torments the soul... The bizarre figures and landscapes of the Dutch painter Hieronymus Bosch, the eerie whims of the Spaniard Francisco de Goya, the execution machine in Franz Kafka's 'In the Penal Colony', the sacrificial dance orchestrated by Igor Stravinsky in his ballet *The Rite of Spring*, the gloomy voices of Nick Cave, Tom Waits and Mark Lanegan. Those are some of the references that seem to form the visual discourse on display in this photography book by Pedro Lobo. As if monsters, worms, foetid odours, ammoniacal, endemic wounds, infections, pus and phlegm were all there, infectious agents out of verse and into the pain in our lives. We see as if through the eyes of the doomed and enigmatic Brazilian poet, Augusto dos Anjos.

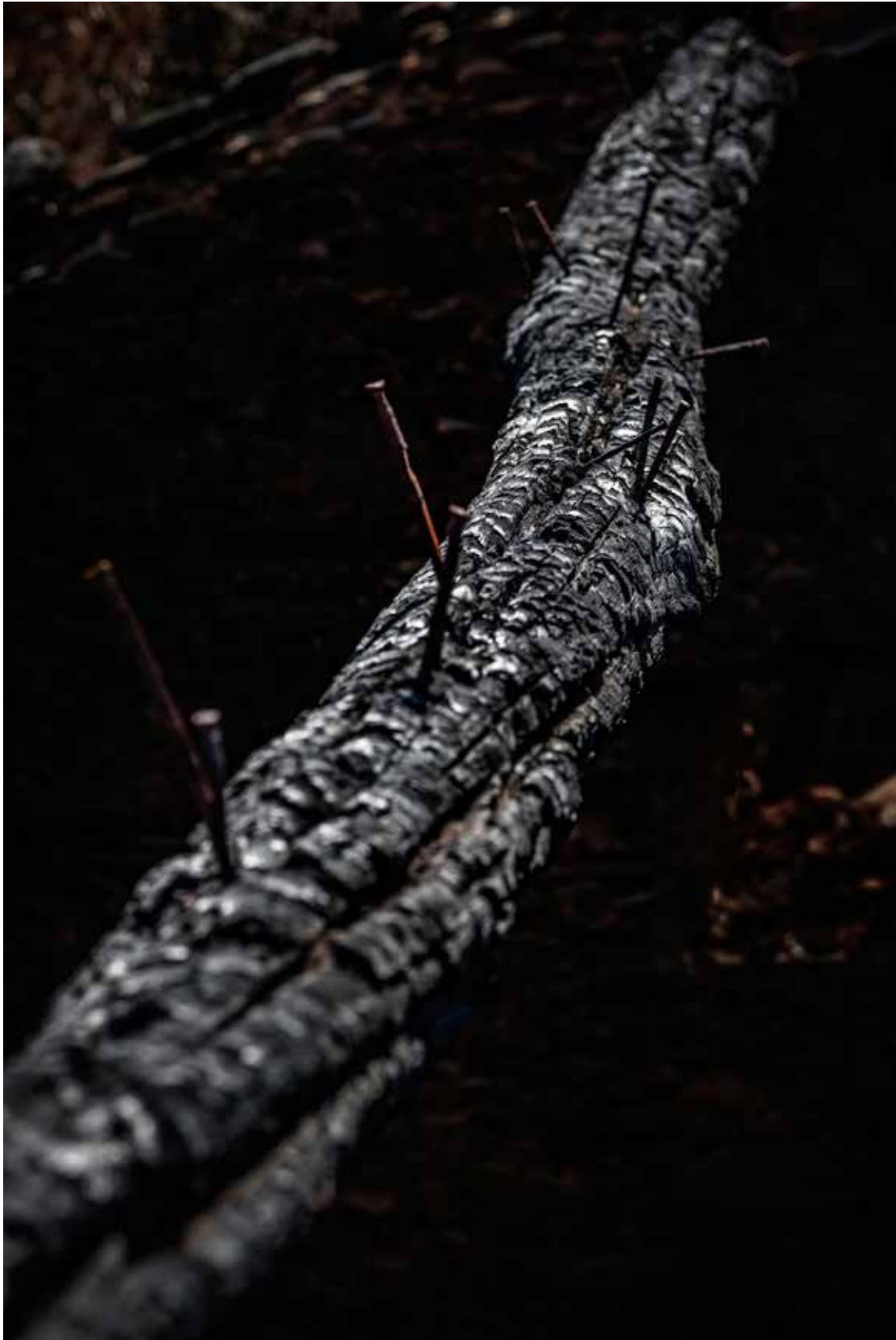
But the book can be even more painful. In the burnt woods, cracked soils, peeling paintings, desecrated statues, rusty road signs, abandoned bones, roadkill, patches, crevices and gnawed objects, we recognize ourselves: humanity. A species that doesn't see itself in what it destroys, but apart from its own place, the earth that it corrodes. In these pictures, we don't see our own death – in a daily suicidal act –, but that of another, an abstract, soulless, exiled being. However, it is us, we are the protagonists, so well represented in these dark pages that amount to our History. It is our civilising hand that built for itself an idea of nature and humanism that does not realise that what it flaunts as glory is the impulse of its very own death. *Not Yet* is this: a powerful narrative of that funeral procession that is the Anthropocene. A shrill warning of the fatal escalation in which we have gotten ourselves into, and out of which, up until now, we have done little to escape.

EDUARDO AUGUSTO COSTA, Professor in the Department of History of Architecture and Aesthetics of Project of the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, he researches Visual Culture and Intellectual History: archives and collections of architecture, linked to the Programme Young Researcher of the Foundation for the Support of Research of the State of São Paulo (Fapesp).

Augusto dos Anjos foi o poeta que me veio à cabeça, assim que terminei de ler o livro *Not Yet* do fotógrafo brasileiro Pedro S. Lobo (2020). Outros artistas, poetas e músicos merecem também uma lembrança neste espetáculo fúnebre e decrepito, que nos atormenta a alma... As paisagens e seres bizarros do holandês Hieronymus Bosch, os caprichos fantasmagóricos do espanhol Francisco de Goya, o aparelho de execução de sentenças da Colônia Penal de Franz Kafka, a dança mortal orquestrada por Igor Stravinsky no seu balé *A Sagração da Primavera*, as vozes tenebrosas de Nick Cave, Tom Waits e Mark Lanegan. Essas são algumas das referências que parecem compor o discurso visual apresentado nesse livro de fotografias de Pedro Lobo. Como se monstros, vermes, cheiros fétidos, amoníacos, chagas endêmicas, infecções, pus e escarros estivessem todos ali, ativos infecciosos saídos dos versos para a dor de nossas vidas. Vemos como se por meio dos olhos do malfadado e enigmático poeta brasileiro, Augusto dos Anjos.

Mas o livro pode ser ainda mais doloroso. Em florestas queimadas, solos rachados, pinturas descascadas, esculturas violentadas, placas oxidadas, ossos abandonados, animais atropelados, remendos, trincas e objetos carcomidos, reconhecemos a nós mesmos: a humanidade. Uma humanidade que não se vê naquilo que destrói, mas como entidade apartada de seu lugar, da própria terra que corrói. Não reconhecemos nas fotografias de Pedro S. Lobo a nossa própria morte – em cotidiano ato suicida –, mas como se a de um outro abstrato, desalmado, desterrado. Mas somos nós os protagonistas, tão bem representados em sombrias páginas que acumulam nossa história. É a nossa mão civilizatória, que construiu para si uma ideia de natureza e humanismo, que não percebe que aquilo que se apresenta como glória é o próprio impulso de sua morte. *Not Yet* é assim: uma narrativa potente dessa marcha fúnebre que é o Antropoceno. Um estridente aviso da escalada mortal em que nos metemos e que, até agora, pouco nos esforçamos para nos livrar.

EDUARDO AUGUSTO COSTA, Professor doutor do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, desenvolve a pesquisa Cultura Visual e História Intelectual: arquivos e coleções de arquitetura, vinculada ao Programa Jovem Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).



Metaphysics of Core Matter

It all started with a burning interest in omnipresent Styrofoam packaging that flooded our homes with purchases and online orders. Silja Yvette couldn't shake the feeling that this material and its industrial press forms could be like a pigment of our time. A kind of toolbox of modernity. An imprint of the things we desire. And yet, despite its omnipresence, so rarely represented in works of art itself, probably because of its impermanent qualities.

"Metaphysics of Core Matter" became an artistic investigation of massively used contemporary materials, their eco-friendly innovation, and their integration into art production practice. This refers to materials such as foam, Styrofoam, and aluminum that are extracted from the earth's core through often devastating extraction techniques. At the same time, we already speak of the aluminum age, so ever-present it finds its way into all products, in food, in the air, in medicines and also in photography. Silja Yvette stages these single-use materials from private consumption, logistics and industrial production as temporary sculptures photographically, in her studio, at companies working with packaging, recycling and material innovation as well as in photographic labs and materials testing labs.

There is a particular contrast that appeals to the artist about foams and polystyrene as inventions of the modern age: the wrapping, protecting, insulating, the spatial surroundings of the actual, the negative casting of all preciousnesses on the one hand and the vainly trivial handling on the other. Useful, but worthless. Decaying in the fulfillment of its unique logistic mission and then excessively inferior. Silja Yvette calls it: the foams paradox.

What concerns her furthermore about these photographic sculptures is the foamy, the enveloping, the volume-expanding. A kind of visualized air or cavity in cellular structure. The filling of an air space around the product, what we actually intend to possess. The airtight sealing and severing of living things. The doubling, tripling, quadrupling of protective shells. And contrary to all better-intentioned efforts, the packaging industry has exploded in the last two years showcasing all their know-how in separating layers, protective films and hygienic vapor barriers.

While working on this series, Silja Yvette also looked at the production factors of her photographs and came up with an eco-friendly solution that uses high-quality bio-based and recycled materials.

Silja Yvette

Tudo começou por um interesse fervoroso nas omnipresentes embalagens de esferovite que invadem as nossas casas a cada compra e encomenda online. Silja Yvette não conseguia deixar de pensar que este material e as suas variantes industriais podiam ser como o pigmento dos nossos tempos. Uma espécie de caixa de ferramentas dos tempos modernos. Uma marca dos nossos desejos. E, no entanto, apesar da sua omnipresença, a esferovite raramente aparece representada nas obras de arte, provavelmente devido à sua qualidade efémera.

"*A Metafísica da Matéria Nuclear*" acaba por ser uma investigação artística dos materiais de uso massivo contemporâneo, as suas inovações ambientalmente corretas, e a sua integração na produção e prática artística. Materiais como a espuma, a esferovite, e o alumínio, que são extraídos da crosta terrestre através de processos de extração muitas vezes devastadores. Ao mesmo tempo, falamos já da idade do alumínio, a tal ponto ele está presente em todos os produtos, na comida, no ar, nos medicamentos, e também na fotografia. Silja Yvette foca-se nestes materiais de uso único para consumo privado, utilização logística ou produção industrial, encenando-os fotograficamente como esculturas temporárias, no seu estúdio, em empresas de embalagens, de reciclagem ou de inovação de materiais, e também em laboratórios fotográficos e de testagem de materiais.

As espumas e esferovites, como invenção dos tempos modernos, encarnam um contraste particular que cativa a artista: por um lado, o envolver, proteger, isolar, a proximidade espacial do real, o molde negativo de tudo o que é precioso, e, por outro lado, o manusear banal e vão, útil mas sem valor. Degradando-se no cumprimento da sua missão logística única, e então, sobejamente inferior. Silja Yvette chama-lhe: o paradoxo das espumas.

O que lhe interessa também nestas esculturas fotográficas é o carácter espumoso, envolvente, expansivo, avolumado. Uma sugestão de cavidade cheia de ar que se adivinha na estrutura celular. O preencher de um espaço ao redor do produto que pretendemos possuir. O fecho hermético e a separação das coisas vivas. O duplicar, triplicar, quadruplicar das camadas protetoras. E, contrariamente aos esforços mais bem intencionados, a indústria de embalagens explodiu nos últimos dois anos, demonstrando todo o seu know-how na separação de camadas, filmes protetores e barreiras de vapor higiénicas.

Na produção desta série, Silja Yvette considerou os fatores de produção das suas fotografias e encontrou uma solução ambientalmente mais correta, que usa materiais reciclados e biológicos de alta qualidade.

Silja Yvette





"Sem título" Delhi, Índia, da Série "Monumentos Acidentais" (2007-ongoig), fine art print, 40x40cm.



"Sem título" Serra da Estrela, Portugal, da Série "Monumentos Acidentais" (2007-ongoig), fine art print, 40x40cm.



"Sem título", Hampi, Índia, da Série "Monumentos Acidentais" (2007-ongoig), fine art print, 40x40cm.

Lisa Kohl engages with the poetic notion of non-places and transitional spaces, such as no man's lands and border zones, while focusing on human life and survival. Existential questions accompany her artistic research on a metaphorical level, revolving around themes of visibility and invisibility, presence and absence, location and placelessness. Her current practice focuses on photographic series, sculptural installations and video-sound performances that oscillate between documentation and staging. Image, sound and material-related elements create images and spaces of association based on real contexts and personal statements, opening up atmospheric and experiential spaces in which the supremacy of reality is questioned in a poetic and sensitive way.

Lisa Kohl

The audio-visual installation THE LINE, recorded at the US-Mexican border at Tijuana, shows the perspective of a drone. Visually, it creates a division of the image, a border. This bird's-eye view aims to evoke divine surveillance and power. The repetitive and meditative rhythm of the waves is accompanied by a voiceover which tells of identity, of the homeland, the crossing of borders, of futility and of hope.

Lisa Kohl envolve-se com a noção poética de não-lugares e espaços de transição, como terras de ninguém e zonas fronteiriças, ao mesmo tempo em que se concentra na vida humana e na sobrevivência. Questões existenciais acompanham a sua pesquisa artística num nível metafórico, girando em torno de temas de visibilidade e invisibilidade, presença e ausência, localização e ausência de lugar. A sua prática atual centra-se em séries fotográficas, instalações escultóricas e performances vídeo-sonoras que oscilam entre a documentação e a encenação. Elementos imagéticos, sonoros e materiais criam imagens e espaços de associação baseados em contextos reais e depoimentos pessoais, abrindo espaços atmosféricos e experienciais nos quais a supremacia da realidade é questionada de forma poética e sensível.

Lisa Kohl

A instalação audiovisual THE LINE, gravada na fronteira EUA-México em Tijuana, mostra a perspectiva de um drone. Visualmente, cria uma divisão da imagem, uma borda. Esta visão panorâmica visa evocar a vigilância e o poder divinos. O ritmo repetitivo e meditativo das ondas é acompanhado por uma voz off que fala da identidade, da pátria, da passagem de fronteiras, da futilidade e da esperança.



Audio-visual installation | HD | 6min.
Tijuana | US-Mexican border | 2019

Isolation draws inspiration from real-life during the lockdown imposed by the Portuguese government on March 18 2020, in view of the exceptional global public health situation and in order to curb the proliferation of COVID-19 cases.

After re-reading *L'Ère du Vide* (The Age of Emptiness) by Gilles Lipovetsky, I reflected upon the individualist society of the 1970's that Lipovetsky describes and upon the way we live and think now, in the 21st century. That narcissistic and egocentric place, where the I is common-place, seems to have intensified over the years; imprisoned within ourselves, without being able to do that which we desire, as if we were in a cell, conditioned; without freedom to circulate, socialise, travel and share in person and in real-time. I felt a certain resignation regarding what we are, what we want and what we do. Where is the place for the other? For sharing, for solidarity? We live parallel lives - the one we dream of and the one that is possible. Living shallow and virtual lives, heightened by lockdown, isolation forces us, in many cases, to confront our physical and psychological limits, compelling us to think about existence and the uncertain nature of the future. This leads us to the feelings and behaviours recreated here in a photographic self-portrait.

Isolation turned out to be surprising for revealing that, even if one's confined within four walls, it is possible to experience an emotional release that overcomes the physical barrier. These photos are my vision of what I feel, of what others feel or have felt, during this period we are all living through.

Flávio Andrade

Isolation é inspirado na realidade sobre o estado de emergência que levou ao confinamento imposto pelo Governo Português face à situação excepcional de saúde pública mundial e à proliferação de casos registados de contágio de COVID-19 decretado em 18 de Março de 2020 pelo Presidente da República.

Após a releitura de *A Era do Vazio*, de Gilles Lipovetsky, reflecti sobre a sociedade individualista dos anos setenta do século XX, de que Lipovetsky descreve e a forma como vivemos e pensamos neste século XXI. Esse lugar narcisista e egocentrista onde o eu é o lugar comum e que, parece ter-se intensificado ao longo dos anos; aprisionados, em nós próprios, sem podermos fazer o que desejamos, como se estivéssemos numa cela, condicionados; sem a liberdade de circular, conviver, viajar e partilhar ao vivo e em tempo real. Senti uma certa resignação, do que somos, queremos e fazemos. Onde está o lugar do outro? Da partilha, da solidariedade? Vivemos vidas paralelas - Aquela que pensamos e aquela que nos é possível ser. Potenciados pelo confinamento, numa vivência superficial e virtual, em muitos casos, o isolamento obriga-nos a experimentar os nossos limites físicos e psicológicos, obrigando-nos a pensar sobre a existência e as incertezas do amanhã. Isto leva-nos para determinados sentimentos e comportamentos, aqui recriados fotograficamente, em autorretrato.

Isolation veio a revelar-se uma surpresa, pela possibilidade de, mesmo confinado a quatro paredes, existir uma libertação emocional que ultrapassou a barreira física. Estas fotografias são a minha visão, do que eu sinto, do que outros sentem e, ou, sentiram, nestes momentos que todos vivenciamos.

Flávio Andrade



“Into the bin” is a project about food waste.

The work is an attempt to criticise the consumerist attitude of a part of the society and the profit oriented mentality of the business market.

The photographs show the real, untouched contents of supermarkets’ trash bins, photographed in the night after the grocery stores have closed. Those images depict the waste food as beautiful “natura morta” aesthetically contrasting with the policy of immediately disposing of expired or almost-expired items. Most of the grocery store’s disposed food is still perfectly edible. Even the shop’s workers aren’t allowed to take the food home.

In Finland, dumpster diving has become a very popular practice between people with very different backgrounds. What used to be a common practice for students and unemployed has started to attract people that do it for other reasons than saving money. Dumpster diving has become for many a sort of activism to fight the materialistic mentality at the base of the consumerist market system.

Food waste, apart from being an environmental problem in many ways, is firstly an ethical problem. Food waste represents our uncontrollable need to consume, our indifference in wasting and our disinterest in sharing.

The pictures were taken in the winter 2014-2016 in the trash bins of supermarkets around Helsinki.

Filippo Zambon

“Into the bin” é um projeto acerca de desperdício de comida.

Este trabalho é uma tentativa de criticar a atitude consumista de uma parte da sociedade, e a mentalidade mercantilista e orientada para o lucro.

As fotografias mostram o conteúdo real, intocado dos caixotes do lixo dos supermercados, fotografados à noite, depois das lojas fecharem. As imagens retratam o desperdício alimentar como uma bela natureza morta, contrastando esteticamente com a política de descartar imediatamente os itens cujo prazo está prestes a expirar. A maior parte dos alimentos descartados são ainda perfeitamente comestíveis. Nem aos empregados da loja é permitido levar os alimentos para casa.

Na Finlândia, o mergulho em lixeiras tornou-se uma prática popular, entre pessoas de diversos meios. O que começou por ser uma prática comum entre os estudantes e os desempregados, atrai agora pessoas com outras motivações que não poupar dinheiro. O mergulho em lixeiras tornou-se para muitos uma forma de ativismo contra a mentalidade materialista que está na base do sistema de mercado consumista.

O desperdício alimentar, além de ser de várias maneiras um problema ambiental, é antes de mais um problema ético. O desperdício alimentar representa a nossa necessidade incontrolável de consumo, a nossa indiferença ao desperdício, e a nossa falta de interesse em partilhar.

As fotografias foram tiradas nos invernos de 2014 a 2016 nos contentores do lixo dos supermercados nos arredores de Helsínquia

Filippo Zambon



I began photographing my mother in December 2009 to process my feelings toward a mother I had never truly known. In the process I grew to love her and this project, *He Threw the Last Punch Too Hard*, was born. I was awarded the inaugural FotoEvidence W Award in 2019 and after a successful Kickstarter campaign, created the book.

Today, my mother is my muse, but our relationship hasn't always been so simple.

When I was 9, my mother left our family after falling in love with another man. The man she left us for was violent: he beat her so badly she suffered permanent brain damage. She moved into an assisted living facility at the age of 41 and has been living there for the past 42 years.

I have early memories of my mother as a beautiful, passionate Guatemalan Sophia Loren. But after she left, I developed tremendous feelings of abandonment and rage. Her actions led me to judge her as impetuous, selfish, and negligent. Yet whenever I saw her, I was overcome with sadness. Seeing her right hand gnarled from the brain damage brought forth more emotion than I could bear. So I virtually ignored her in an attempt to distance myself from the pain.

But pain ignored does not disappear. While working as a stuntwoman, I broke both feet jumping out of a helicopter onto the tallest building in L.A. My time spent healing led me inward, and I decided to return to school. Thankfully, through graduate work in Spiritual Psychology, I was able to dissolve my judgments about my mother and begin to forge a relationship with her.

I didn't need to travel the world to deepen my spirituality. My greatest teacher was in front of me the entire time. My mother forgave me for not visiting her all those decades. I forgave her for leaving our family. I no longer pity my mother. She continually inspires me, teaching me to live by my heart, not my head.

My mother is a symbol of perseverance. Even though she suffered permanent disability from domestic violence, she never lost her kindness, hope, or belief in love. As her body deteriorated, her soul flourished. She refuses to be an object of pity.

These photos tell my mother's story of loneliness, abuse, connection, compassion, forgiveness, humanity, grace, and above all, love. I didn't plan to show them at first, but I've learned that sharing our story helps others on their path to healing. May these photos inspire someone else to leave an abusive relationship before it's too late.

Hannah Kozak

Comecei a fotografar a minha mãe em Dezembro de 2009 para processar os meus sentimentos em relação a uma mãe que nunca conheci de verdade. Durante esse processo aprendi a amá-la e daí nasceu este projeto, *Ele deu o último murro com demasiada força*. Recebi o prémio inaugural FotoEvidence W Award em 2019 e depois de uma campanha bem-sucedida no Kickstarter, criei o livro.

Hoje em dia, a minha mãe é a minha musa, mas a nossa relação nem sempre foi assim tão simples.

Quando eu tinha 9 anos, a minha mãe deixou a nossa família quando se apaixonou por outro homem. O homem pelo qual ela nos deixou era violento: batia-lhe tanto que ela acabou por sofrer uma lesão cerebral permanente. Aos 41 anos, a minha mãe teve que mudar-se para um lar e é aí que tem vivido nos últimos 42 anos.

Recordo a minha mãe como uma bela e intensa Sophia Loren guatemalteca. Mas depois de ela nos deixar, senti um abandono e uma raiva tremenda. O comportamento dela levou-me a julgá-la impetuosa, egoísta e negligente. E no entanto, cada vez que a via, a tristeza tomava conta de mim. Ver a sua mão direita encardida devido à lesão cerebral provocava mais emoção do que eu podia aguentar. Então, para me tentar distanciar da dor, eu praticamente ignorava-a.

Mas a dor ignorada não desaparece. Quando estava a trabalhar como duplo, parti ambos os pés ao saltar de um helicóptero para o edifício mais alto de L.A. O tempo que passei em recuperação tornou-me mais meditativa, e decidi voltar a estudar. Felizmente, através do trabalho de curso em Psicologia Espiritual, consegui dissolver os meus julgamentos sobre a minha mãe e começar a criar uma nova relação com ela.

Não precisei de viajar pelo mundo fora para aprofundar o meu lado espiritual. A minha melhor professora estava à minha frente o tempo todo. A minha mãe perdoou-me por não a ter visitado todas aquelas décadas. Eu perdoei-a por ter deixado a nossa família. Já não sinto pena da minha mãe. Ela inspira-me em permanência, ensinando-me a viver pelo coração, não pela cabeça.

A minha mãe é um símbolo de perseverança. Mesmo tendo sofrido uma invalidez permanente devido à violência doméstica, nunca perdeu a bondade, a esperança, ou a crença no amor. À medida que o seu corpo se deteriora, a sua alma floresce. Ela recusa ser objeto de piedade.

Estas fotos contam a história da minha mãe, uma história de solidão, violência, conexão, compaixão, perdão, benevolência, e sobretudo, amor. Ao início, não planeava mostrá-las, mas aprendi que partilhar a nossa história ajuda os outros a encontrar o seu caminho para a recuperação. Possam estas fotos inspirar outrem a deixar uma relação abusiva antes que seja tarde demais.

Hannah Kozak



My story chronicles the lives of India's trafficked survivors and their struggles. The victims of this trade are primarily girls, some as young as 9, who are trafficked for household work and often without any form of remuneration.

India is witnessing a sustained and rapid growth in its economy over the last few years. The demand for cheap domestic help particularly in the larger cities of India among the urban working class has risen. This has fuelled domestic servitude trafficking.

Employers engage the services of placement agencies, looking for domestic help, but what they often don't know is that many of these girls arrive via this channel of modern-day slave trade.

With no specific law or monitoring mechanism for these placement agencies, people often fall prey to illegal recruitment.

Poor girls from the indigenous communities who often face social exclusion and isolation are targeted. The traffickers who pose as representatives of placement agencies, sell dreams of a brighter future. They are most often a relative, a neighbour or an acquaintance. Charging employers for a year and pocketing the money, while leaving the girls to live like slaves.

The situation is grave. Hundreds of girls go missing with no information or possible whereabouts. The police and administration are not very helpful either in the effort to locate these girls and the families merely wait in despair and keep hoping that their daughters will return some day.

Smita Sharma

A minha história relata as vidas e a luta daqueles que sobreviveram ao tráfico humano na Índia. As vítimas deste tráfico são sobretudo raparigas, algumas com apenas 9 anos, que são traficadas para servir no trabalho doméstico, muitas vezes sem qualquer tipo de remuneração.

A economia indiana tem crescido rapidamente nos últimos anos. A procura por trabalhadores domésticos baratos tem aumentado, particularmente nas grandes cidades, entre a classe de trabalhadores urbanos, incentivando o tráfico humano para servidão doméstica.

Os empregadores à procura de serviços domésticos contratam os serviços de agências de colocação, muitas vezes ignorando que muitas das raparigas que contratam chegam até às suas casas através dos canais do tráfico de escravos contemporâneo.

Dado que não existem leis ou mecanismos específicos para monitorização destas agências de colocação, o recrutamento ilegal é frequente. Os alvos são raparigas pobres provenientes das comunidades indígenas, que sofrem exclusão e isolamento social. Os traficantes, que se fazem passar por representantes das agências de colocação, vendem-lhes o sonho de um futuro melhor. Os traficantes são frequentemente familiares, vizinhos ou conhecidos. Cobram aos empregadores por um ano de trabalho e ficam com o dinheiro, deixando as raparigas a viver como escravas.

A situação é grave. Centenas de raparigas desaparecem, sem que haja qualquer informação sobre o seu possível paradeiro. A polícia e as autoridades não são grande ajuda no esforço para localizar estas raparigas, e as famílias não podem fazer mais do que esperar, entre o desespero e a esperança de que as suas filhas voltem um dia.

Smita Sharma



El Salvador - A Nation Held Hostage 2018-2020

'Kill, Rape, Control' is the motto of the notorious Mara Salvatrucha Gang (MS-13). This street gang, along with its rival Barrio 18, have become infamous across Central and North America for their trademark of brutal violence.

El Salvador is a country where both gangs exercise extensive control over communities and the state is unable to stamp either of them out. While the levels of violence have varied over the years, the country's murder rate has consistently been among the world's highest.

The savage nature of the violence has shocked and paralysed El Salvadoran society. In many cities, it is impossible to cross the street due to differing gang territory control, entirely cordoning off neighbourhoods and streets. And although the government's no-tolerance policies are largely popular with the public, the authorities have been criticised by some human rights observers for being too harsh.

The government has achieved some success, bringing murder rates down from their high of 17 murders a day in 2015 to two murders a day by March 2020. However, an explosion of violence in early 2020, when street gangs killed 76 people in just four days, illustrates how volatile the country still is.

President Nayib Bukele responded by targeting incarcerated gang members, who according to the Ex-minister of Justice and Security, Rogelio Rivas, are responsible for ordering 80 per cent of all attacks in the country.

For now, at least, fear, violence and intimidation remain an everyday part of life here.

These images provide unique photographic evidence of the violence that has plagued Salvadoran society and are a documentary snapshot of the country's war against its gangs from 2018 to 2020.

This series forms part of a larger body of work which was published by GOST Books, in October 2021 in a book titled "Sin Salida".

Tariq Zaidi

El Salvador - Uma Nação Refém 2018-2020

"Matar, Violar, Controlar" é o lema do infame bando Mara Salvatrucha (MS-13). Este bando, junto com o seu rival Barrio 18, é conhecido por toda a América Central e do Norte por ser particularmente violento.

El Salvador é um país onde estes bandos exercem amplo controle sobre a comunidade e o Estado não tem capacidade de os expulsar. Embora os níveis de violência tenham variado ao longo dos anos, a taxa de homicídio do país está consistentemente entre as mais altas do mundo.

A brutalidade da violência tem chocado a sociedade salvadorenha. Em muitas cidades, é impossível atravessar a rua porque gangues diferentes controlam diferentes partes do território, de modo que certas ruas ou bairros inteiros ficam isolados. Embora as políticas de tolerância zero sejam bem aceites pela população, algumas organizações de defesa dos direitos humanos têm criticado as autoridades por serem demasiado duras.

As políticas do governo têm tido algum êxito, tendo conseguido baixar a taxa de homicídio de 17 homicídios por dia em 2015 para 2 por dia em Março de 2020. No entanto, no início de 2020 deflagrou uma explosão de violência, com os bandos de rua a assassinares 76 pessoas em apenas 4 dias, mostrando quão volátil o país ainda é.

O Presidente Nayib Bukele reagiu a este episódio visando membros dos bandos encarcerados, os quais, de acordo com o ex-ministro da Justiça e Segurança, Rogelio Rivas, são responsáveis por ordenar 80 por cento dos ataques no país.

Até hoje, pelo menos, o medo, a violência e a intimidação continuam a ser parte integral do dia a dia em El Salvador.

Estas imagens constituem evidência fotográfica única da violência que tem assolado a sociedade salvadorenha e são um retrato documental da guerra que o país tem travado contra estes bandos, entre 2018 e 2020.

Esta série faz parte de um projeto mais amplo que foi publicado pela GOST Books em Outubro de 2021 num livro intitulado "Sin Salida".

Tariq Zaidi



Inmates look out of a cell in a section where 'extraordinary measures' were introduced in the Penal Center of Quezaltepeque.



Morticians prepare the coffin for the wake of a 37-year-old man who was killed in a motorcycle drive-by shooting in Colonia Santa Cristina, Barrio Santa Anita, San Salvador



The burial of young alleged gang member, aged 22, in Chapeltique Municipal Cemetery, in San Miguel.

Violence Against Women in Papua New Guinea

Papua New Guinea (PNG) is a dangerous place for women, or 'meri' as they are called in Tok Pisin, the local language. Violence against women is seen as normal. According to recent statistics from the Papua New Guinea National Department of Health, more than two thirds of women experienced physical or sexual violence. One third were subjected to rape and 17% of sexual abuse involved girls between the ages of 13 and 14. Medecins sans Frontieres (Doctors Without Borders), a leading medical charity, claims that the levels of gender violence seen in Papua New Guinea usually only occur in war zones. One of the main threats are the Raskol gangs that rule the slums around bigger towns and Port Moresby, the capital. Most of the crimes committed on an average day are against the women of the slums around Port Moresby.

A large percentage of men in PNG don't have any respect for 'meri' and feel entitled to beat them, often using bush knives and axes. Many believe that once they have paid a bride price to the woman's family they own her outright and can treat her like an object. Many cases of domestic violence are linked to alcohol and jealousy also plays a role since men in Papua New Guinea often have more than one wife. Rejected and beaten women are often kicked out of their homes where they become easy targets for the Raskol gangs.

Sorcery-related violence is widespread in Melanesia. In Papua New Guinea (PNG) it can take a particularly savage form. In the Highlands Region witch-hunts occur in almost every province. Belief in 'sanguma' (witches) or 'puri-puri' (black magic) is widespread and cases of unexpected death in a village often lead to residents accusing local women, often relatives of the deceased, of sorcery. The accused are usually tortured to extract a confession and then killed or maimed.

Though the practice is well known and widespread, the authorities do not have a programme in place to shelter women accused of sorcery and work with those who are mentally scarred by the experience. Few cases of sorcery-related murder are brought to court and police officers have been known to participate in 'witch hunts' themselves.

In 2013, the PNG government repealed the controversial 'Sorcery Act' and made sorcery related violence a punishable crime. The number of cases appears to still be rising, despite the new legislation.

Vlad Sokin

Violência contra Mulheres na Papua Nova Guiné

A Papua Nova Guiné é um local perigoso para as mulheres, ou 'meri', como são chamadas em Tok Pisin, a língua local. A violência contra as mulheres é vista como normal. De acordo com estatísticas recentes do Departamento Nacional de Saúde da Papua Nova Guiné, mais de dois terços das mulheres são vítimas de violência física ou sexual. Um terço foi vítima de violação e 17% dos abusos sexuais cometidos envolvem raparigas entre os 13 e os 14 anos. A organização Médicos sem Fronteiras, uma importante ONG médica, afirma que níveis de violência de género equivalentes aos observados na Papua Nova Guiné normalmente só ocorrem em zonas de conflito armado. Uma das maiores ameaças são os Raskol, bandos ou gangues que dominam as favelas em redor das principais cidades, incluindo Port Moresby, a capital. Num dia normal, a maior parte dos crimes cometidos tem por vítima as mulheres dos bairros de lata dos subúrbios de Port Moresby.

Uma grande percentagem dos homens da Papua Nova Guiné não respeita as 'meri' e acha-se no direito de lhes bater, usando frequentemente facas de mato e machados. Muitos acreditam que, tendo pagado um preço pela sua noiva à família dela, são seus proprietários, e têm o direito de as tratar como objetos. Muitos casos de violência doméstica estão relacionados com o álcool. O ciúme também contribui dado que é frequente os homens terem mais do que uma mulher. As mulheres agredidas e rejeitadas são muitas vezes expulsas de casa, tornando-se alvos fáceis para os bandos de Raskol.

A violência relacionada com a feitiçaria é comum na Melanésia. Na Papua Nova Guiné pode assumir formas particularmente brutais. Na região das Terras Altas, em quase todas as províncias, organizam-se caças às bruxas. A crença nas 'sanguma' (bruxas) ou na 'puri-puri' (magia negra) é generalizada, e quando há casos de morte súbita numa aldeia, os residentes acusam frequentemente as mulheres locais, muitas vezes familiares do falecido, de feitiçaria. As acusadas são geralmente torturadas para obter uma confissão e depois executadas ou mutiladas.

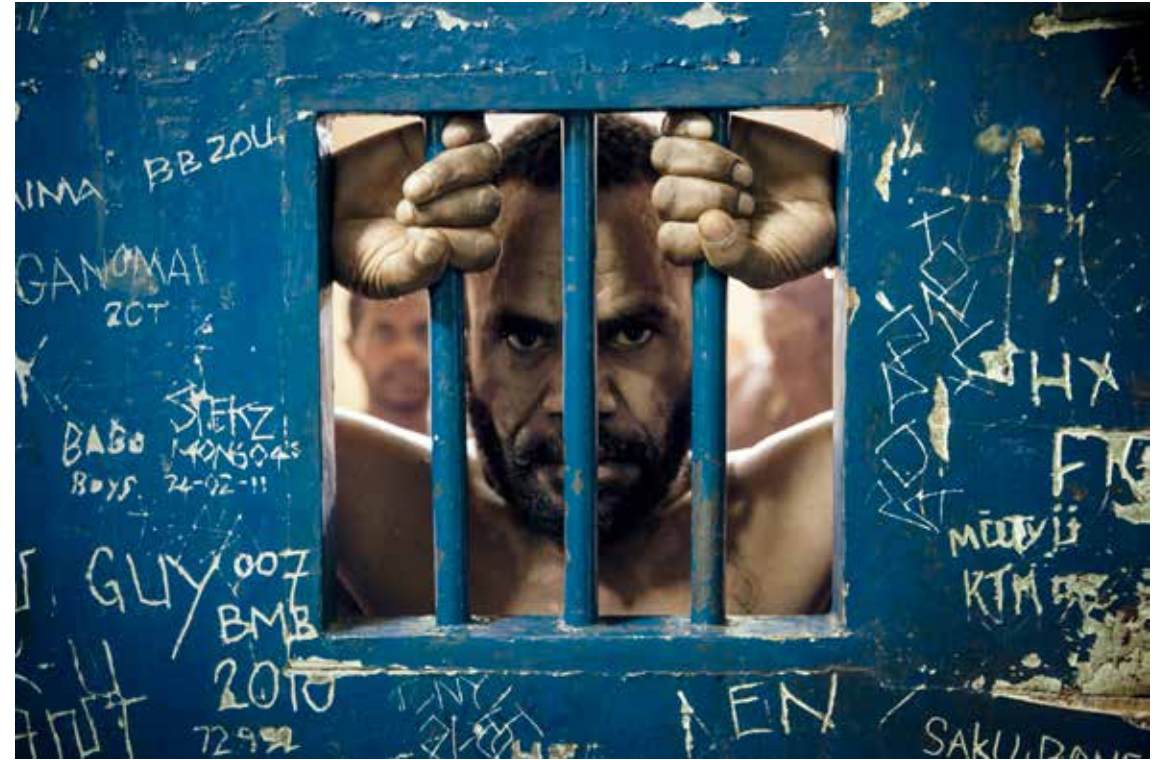
Embora a prática seja generalizada e do conhecimento geral, as autoridades não têm implementado nenhum programa destinado a acolher as mulheres acusadas de feitiçaria, nem oferecer apoio às que foram traumatizadas pela experiência. Poucos casos de assassinato por feitiçaria são levados a tribunal e há mesmo casos conhecidos onde os próprios agentes das forças da ordem participam em caças às bruxas.

Em 2013, o governo da Papua Nova Guiné revogou a controversa 'Lei da Feitiçaria' e a violência relacionada com acusações de feitiçaria passou a ser um crime punido por lei. Apesar desta alteração legislativa, o número de casos deste tipo de crime parece continuar a aumentar.

Vlad Sokin



A woman holding a child looks down the valley from Kassam Pass. The beautiful landscape of Papua New Guinea's highlands belies the brutal reality of life in the region, where more than 90 percent of women report suffering gender-based violence.



Andres, 39, accused of multiple rapes, waits for his court date in a cell in the Boroko Police Station.



Banil came to the Antenatal Clinic at Port Moresby after having been sexually assaulted by her ex-boyfriend. The day after their separation, her former partner came to her parents' house and, threatening her with a knife, dragged Banil to a bush area. There he beat her and raped her. Banil's father managed to find his daughter lying unconscious on the ground and brought her to the hospital.

Covid@Alentejo, olhares

To me, art is not a solitary delight. It is a means of stirring the greatest number of people by offering them a privileged picture of common joys and sufferings.

Albert Camus "Discours de Suède" (Speech of acceptance upon the award of the Nobel Prize for Literature)

Memory is what we choose to remember.

When in April 2020, I invited Rui Prata and the photographers António Carrapato, António Cunha, Augusto Brázio and Maria do Mar Rêgo, all four from Alentejo, I asked/proposed that they would embark on a journey to document, through photographs, their own outlook on the plague in the region. I use the word in all its polysemy, especially that which is conveyed by Camus' homonymous book.

The goal was to map our region throughout times of pandemic and thus create an archive documenting this period, a photographic archive - since our meagre resources did not allow us to extend the project to other artistic dimensions.

This scourge has prompted us to rethink our human condition, with increased starkness, and also the situation of those of us who work in the Arts & Culture, and be reminded again of the New Deal Federal Arts Project promoted by the government of the USA during the Great Depression. How relevant it would be to do something similar! Something collective that would unite, in a common endeavour, the arts and suffering of so many. That was the source of our inspiration.

The Regional Directorate for Culture in Alentejo (DRCAAlentejo), at its own scale and with scant means, took the initiative of promoting this project. During a rather long period of time, the above-mentioned artists journeyed across Alentejo, and now, they return to us these Gazes, filtered through the eyes of Rui Prata, who selected, from a wider collection of photos, the ones here on display. The whole body of work will remain property of DRCAAlentejo, for future reference. Life is hope - can be read in a young girl's t-shirt in the photo chosen as the exhibit's poster.

Everything that is loved by memory becomes eternal!

I thank everyone for their commitment and the hard and intense work that they developed in these leaden times.

Ana Paula Amendoeira

Regional Cultural Director for Alentejo

Exposição produzida por

A arte não é para mim um prazer solitário. É uma maneira de comover o maior número possível de homens, oferecendo-lhes uma imagem privilegiada dos sofrimentos e alegrias comuns.

Albert Camus "Discursos da Suécia"

A memória é o que escolhemos lembrar.

Quando em abril de 2020 convidei o Rui Prata e os fotógrafos do Alentejo António Carrapato, António Cunha, Augusto Brázio e Maria do Mar Rêgo, pedi/propus que iniciassem uma viagem de registo, pela fotografia, com os seus olhares, sobre esta peste na nossa região. Uso a palavra em toda a sua polissemia herdada principalmente da obra homónima de Camus.

A intenção era, foi, a de mapear a nossa região nos tempos da pandemia e assim ficarmos com um documento deste período, através da fotografia, limitados que estávamos pela exiguidade de meios para podermos alargar este projecto a outras dimensões artísticas.

Este flagelo fez-nos voltar a pensar, com mais crueza a nossa condição humana, também a situação de quem trabalha na cultura e regressar tantas vezes à lembrança do programa americano sobre as artes, promovido pelo Estado no período da Grande Depressão. Como seria relevante fazermos alguma coisa de semelhante! Alguma coisa colectiva que nos unisse numa empresa comum entre as artes e a vida sofrida de tantos. Foi essa a nossa inspiração.

A Direcção Regional de Cultura do Alentejo teve então a iniciativa de fazer, à sua escala, o que os meios disponíveis lhe permitiram. Durante um período largo estes artistas palmilharam a nossa terra alentejana e dão-nos agora estes olhares, filtrados pelo olhar do Rui Prata que, a partir de um acervo mais vasto, seleccionou o que aqui se mostra. Todo o trabalho ficará na propriedade da DRCAAlentejo e para memória futura. Life is hope lê-se na camisola da jovem na imagem escolhida para o cartaz desta exposição.

Tudo o que a memória amou já ficou eterno!

Agradeço a todos a entrega e o trabalho tão difícil e tão forte que desenvolveram nestes tempos de chumbo.

Ana Paula Amendoeira

Directora Regional de Cultura do Alentejo

The exhibition “COVID@Alentejo, olhares”, is the result of the commitment by the Regional Directorate for Culture in Alentejo (DRCA) to map the different moments of the unfolding of the disease COVID-19 in the territory of Alentejo. Naturally, ever since the first signs of the disease, records were made, all around the country, of its impact on society. However, as far as we know, the stance adopted by the DRCA is unique - a public body that takes upon itself the mission of carrying out an extensive and systematic record of the impact of the pandemic in people’s daily lives. For two years, the project sought to record, and now divulge, different moments and situations lived throughout this territory, which has very specific characteristics.

In regard to setting, it is important to state that Alentejo is a vast territory with a very distinct character, both in terms of its geography and its socio-economic structure.

Geographically, this territory is predominantly composed of wide areas of montado (pasture and cork fields), with small villages popping up few and far between. People in this region are generally inward-looking, house-bound, but can be welcoming and collaborative when feeling confident.

The social fabric is characterised by an ageing population, a phenomenon which several youth-targeted programs have tried to counterbalance.

The choice of photography as a recording tool is a natural one, given that photography easily and effectively allows for a balance between documentary and artistic practice. The project’s protagonists (the photographers António Carrapato, António Cunha, Augusto Brázio and Maria do Mar Rêgo) come from Alentejo and have a profound knowledge of the region. Notwithstanding the common theme, the final result is, naturally, distinct. Maria do Mar’s work is characterised by its use of black and white and also by a more subtle and poetic outlook. António Carrapato and António Cunha express a more documental and objective vision, with Carrapato’s sense of humour also being apparent in the pictures. Finally, Augusto Brázio showcases his portrait excellence, which gives the project its own unique identity.

Photography is, additionally, a source of information, of relevance to several areas of knowledge that deal with the relationship between space and time as a tool to analyse social change. But even if a photograph captures a momentary scene, it shouldn’t be seen as an absolute truth, since framing can be misleading, or convey a certain intention, not to mention manipulation.

In any case, the fragment of reality that is captured by a photo is the mark of a time past, and, as such, it is the perpetuation of a moment, that is, of a memory.

Selection was bound to be a difficult job. From a set of several dozen photos taken by each author, we selected a few based not only on aesthetic quality, but also in an attempt to be faithful to the chronology of events.

At times immersed deep in the uncertainty of choice, we attempted to create a coherent narrative that reflected simultaneously the myriad situations and moments lived throughout this period: hygiene measures, lockdowns, vaccination, border closings, amongst others.

Albeit documental in nature, the final selection of works reveals a broad and enriching set of perspectives, and it contributes unequivocally to the formation of a body of memory that is crucial to our current society.

Rui Prata, January 2022

A exposição “COVID@Alentejo, olhares”, resulta do empenho da Direção Regional de Cultura do Alentejo (DRCA) em realizar um mapeamento sobre os diferentes momentos da enfermidade provocada pelo COVID-19 no território alentejano. Naturalmente, por todo o país se fizeram, desde os primeiros sinais, registos sobre o impacto desta maleita na sociedade. Porém, tanto quanto sabemos, a postura da DRCA foi única no país, isto é, a de uma entidade pública que toma por missão realizar um registo territorial alargado e sistemático sobre o embate desta grave situação na vida quotidiana das populações. Ao longo da sua execução, o projeto procurou registar, e agora dar a conhecer, os diferentes momentos e situações vividas ao longo de quase dois anos numa área geográfica com características específicas.

No que respeita ao palco da ação, importa recordar que o Alentejo é uma vasta área territorial com personalidade muito própria, quer na geografia, quer na composição socioeconómica.

Geograficamente o território é dominado por grandes extensões de campo de montado, sobressaindo, isolados, os aglomerados rurais, em geral de pequena dimensão. As gentes desta região vivem, por norma, muito voltadas para dentro das suas casas, mas quando confiantes revelam-se participativas e acolhedoras.

O seu tecido social caracteriza-se por um envelhecimento da população, que tem procurado ser contrariado através de vários programas e ações dirigidos à juventude.

A escolha da fotografia como ferramenta de registo surge com naturalidade, já que se trata de uma forma eficaz que permite, na sua essência, o balanço entre o documental e a prática artística. Os protagonistas do projeto (os fotógrafos António Carrapato, António Cunha, Augusto Brázio e Maria do Mar Rêgo) são oriundos do território e profundos conhecedores do meio. Embora com o tema em comum, o trabalho final resulta, naturalmente, distinto. Maria do Mar distingue-se desde logo pelo uso do preto e branco e também por um olhar mais subtil e poético. Já António Carrapato e António Cunha expressam uma visão de cariz mais documental e objetiva, sendo que o primeiro salpica aqui e ali com o seu sentido de humor. Finalmente, Augusto Brázio evidencia a sua excelência retratística que confere uma identidade própria ao projeto.

A fotografia constitui, igualmente, uma fonte de informação, que interessa a diversas áreas do conhecimento que abordam a relação espaço-tempo como instrumento de análise da transformação da sociedade. Ao constituir um registo momentâneo de uma cena, não significa que a fotografia deva ser encarada como uma verdade absoluta, na medida em que o enquadramento da imagem pode induzir a interpretações equívocas, bem como guardar em si uma determinada intencionalidade, já para não falarmos de eventuais manipulações.

De qualquer modo, esse fragmento da realidade gravado pela fotografia constitui uma marca de um tempo passado e, assim, a perpetuação de um momento, ou seja, de uma memória.

O trabalho de seleção afigurou-se penoso. Das várias dezenas de fotografias realizadas por cada autor, realizou-se uma seleção que procurou não se submeter apenas à qualidade estética das imagens, mas também evidenciar a cronologia dos acontecimentos.

Mergulhados, por vezes, na incerteza da escolha, procurou-se criar uma narrativa consistente e que espelhasse simultaneamente a multiplicidade das situações e momentos vividos: medidas de higiene, confinamentos, vacinação, encerramento de fronteiras, entre outros.

Embora de pendão naturalmente documental, o conjunto final de obras revela uma ampla e enriquecedora visão dos factos, contribuindo inequivocamente para a elaboração de um corpo de memória fundamental da presente sociedade.

Rui Prata, Janeiro, 2022.

ANTÓNIO CARRAPATO



MARIA DO MAR RÊGO





AUGUSTO BRÁZIO



Given the theme of the Imago Lisboa Festival in 2022, Disturbances, the IANDÉ Collective presents three Brazilian disturbances, seen through the eyes of three prolific young photographers. Dayan de Castro presents us with the never-ending problem of the agricultural project in Brazil's tropical savanna, Gui Christ delves deep into the crevices of São Paulo's "Cracolândia" and Lalo de Almeida photographs, beyond the document, the fire that devastated large areas of the Pantanal in 2020.

At first glance, these images seem profoundly unrelated. Dayan de Castro's series "Aere perennius" (We are eternal) presents a vast landscape, wide horizons, the emptiness of a land used up to its last resource. That is also what Gui Christ shows us in his series "Fissura" (Fissure): wide horizons, ravaged faces - the portrait of a part of society that is "beyond the end". The photographer Lalo de Almeida follows the same path when he portrays, in his series "Pantanal em Chamas" (Pantanal in Flames), dead creatures and obliterated landscapes.

In the poignant images of the fires that devastated the Pantanal, in the usury of the Brazilian tropical savanna, or in the skin and eyes of people left to their own devices, what we see is a screaming Brazil, made of abandonment. The three disturbances presented, located in three specific Brazilian ecosystems, speak of us all. What connects the work of these three photographers is a common responsibility in the face of ecological, social and political anomalies. It is an alarm made of images, the denunciation of the State's irresponsibility but also that of the collective. And so we join them. Because it is our engagement to fight for a change capable of sustaining more balanced ways of living, dignified and sustainable.

The photos are curated by Glaucia Nogueira, founder of IANDÉ, and Ioana Mello, curator and partner of the association. IANDÉ is an international cultural association that supports, strengthens and promotes the visibility of Brazilian photography in Europe. We aim to establish a dialogue, to multiply perspectives and interpretations and thus contribute, through the power of images, to a democratic debate about the major current issues. IANDÉ, inclusive pronoun – we – in Tupi-Guarani is about building bridges and enriching dialogues.

Diante do tema do festival Imago Lisboa 2022, Distúrbios, o Coletivo IANDÉ apresenta três distúrbios brasileiros, através do olhar de três jovens fotógrafos em constante produção. Dayan de Castro apresenta-nos o infinito problema do projeto agrícola no cerrado brasileiro, Gui Christ mergulha nas rachaduras da "Cracolândia" paulista e Lalo de Almeida fotografa, para além do documento, o fogo que devastou grandes áreas do Pantanal em 2020.

Aparentemente estas imagens parecem profundamente desconexas. A série "Aere perennius", de Dayan de Castro, apresenta uma paisagem extensiva, horizontes a perder de vista, o vazio de uma terra usada até o seu limite. É isso que também nos mostra Gui Christ em sua série "Fissura": horizontes a perder de vida, rostos devastados - o retrato de uma parte da sociedade que está "depois do fim". O fotógrafo Lalo de Almeida segue o mesmo caminho quando retrata, em sua série "Pantanal em Chamas", criaturas mortas e paisagens anuladas.

Sejam nas imagens pungentes dos incêndios que arrasaram o Pantanal, ou na usura do cerrado brasileiro, ou na pele e no olhar de pessoas largadas à sua própria sorte, o que vemos é o grito do Brasil feito de abandono. Os três distúrbios apresentados, localizados em três ecossistemas específicos brasileiros, falam de todos nós. O que une o trabalho desses três fotógrafos é uma responsabilidade comum diante de anomalias ecológicas, sociais e políticas. É o alerta feito em imagens, a denúncia da irresponsabilidade do Estado mas também do coletivo. E com isso nos unimos a eles. Pois é nosso comprometimento lutar por transformações capazes de sustentar modos de vida mais equilibrados, dignos e duradouros.

A curadoria é feita por Glaucia Nogueira, fundadora do IANDÉ, e Ioana Mello, curadora e colaboradora da associação. O IANDÉ é uma associação cultural internacional que apoia, valoriza e promove a presença da fotografia brasileira na Europa. Nós queremos dialogar, multiplicar os olhares, as interpretações e assim, contribuir, através da imagem, para um debate democrático sobre grandes temas da atualidade. IANDÉ, pronome inclusivo – nós – em tupi-guarani é sobre criar pontes e enriquecer os diálogos.

DAYAN DE CASTRO

Aere perennius



GUI CHRIST

Fissura



LALO DE ALMEIDA

Pantanal em Chamas



LISBOA MEETING POINT

O Lisboa Meeting Point consta duma leitura crítica de portfolios, aberto a candidaturas internacionais dirigido quer a fotógrafos emergentes, quer consagrados. Constitui uma excelente oportunidade para apresentação de projetos junto de especialistas na área da fotografia. O melhor projeto considerado pelo júri tem uma exposição individual na edição seguinte do Imago Lisboa.

The Lisboa Meeting Point consists of a critical reading of portfolios, open to international applications, aimed at both emerging and established photographers. It is an excellent opportunity to present projects to specialists in the field of photography. The best project considered by the jury will have a solo exhibition in the next edition of Imago Lisboa.

Jury 2021

Alejandro Castellote

Erik Vrooms

Paula Roush

Peggy Sue Amison

Svetlana Bachevanova

Trish Lambe

Winner 2021

DEANNA PIZZITELLI

KOŽA, WOMEN & OTHER STORIES

Koža, women & other stories

Koža, Women & Other Stories (2015 - ongoing) is a set of interwoven narratives that explore connection, uncertainty, and desire.

This work began when I moved to Slovakia in 2015 and is a poetic expression of my travels in the last six years. In it, I document the unfolding narrative of my experience, disjointed and retold into a story of companionship and isolation. During this time, I also connected with the Archive of Modern Conflict, photographing objects in their collection. These photographs move the project beyond the limitations of my own experience: relics of a broader world.

By pursuing narrative possibility, I aim to discover increasingly complex combinations of feeling. I am interested in the visual constraints of the emotional landscape. Perhaps you could photograph longing, but could you represent it specifically—the fantasy of an apology, or the desire to move emotionally backward? I investigate these boundaries through aesthetic variation—fluctuating emotional rhythms that arise from disparate scenes and gestures. The resultant images sit like objects on the shelf of an antique store: they live together, but their story is in no way singular.

Koža, Women & Other Stories is a kind of photographic unrest. Thriving on change, it references the artist, but belongs to no one in particular. Contemporary in both its chaos and visual diversity, it is part archive, part travelogue, part fact and part fiction. It questions the veracity of the photograph, the biography and the archive in general. It uses analogue technology to celebrate the experimental darkroom. Collapsing multiple bodies, timeframes and geographies, this work is a metaphor for the changeability and incomprehensibility of human experience.

In Slovak, “*koža*” means skin.

Deanna Pizzitelli

Koža, Women & Other Stories (2015 - ainda a decorrer) é um conjunto de narrativas interligadas que exploram os temas da ligação, incerteza e desejo.

Este projeto começou quando eu me mudei para a Eslováquia em 2015 e é uma expressão poética das minhas viagens nos últimos seis anos. Nele, documento o desenrolar da narrativa da minha experiência, desconstruída e reconstruída numa história sobre companheirismo e isolamento. Durante este período de tempo, também estabeleci uma ligação com o Arquivo do Conflito Moderno, fotografando os objetos desta coleção. Estas fotografias levam o projeto para lá dos limites da minha experiência: relíquias de um mundo mais amplo.

Seguindo as possibilidades narrativas, tenho por objetivo descobrir combinações de sentimentos cada vez mais complexas. Interessam-me os constrangimentos visuais da paisagem emocional. Talvez seja possível fotografar a saudade, mas será possível representá-la especificamente - a fantasia de um indulto, ou o desejo de andar para trás emocionalmente? Investigo estes limites através da variação estética — fazendo flutuar os ritmos emocionais que emergem de diferentes cenas e gestos. As imagens resultantes são como objetos na prateleira de uma loja de antiguidades: vivem juntas, mas a sua história não é de maneira nenhuma a mesma.

Koža, Mulheres & Outras histórias é uma espécie de inquietude fotográfica. Florescendo na mudança, faz referência à artista, mas não pertence a ninguém em particular. Contemporâneo tanto na sua natureza caótica como na sua diversidade visual, é parte arquivo, parte relato de viagem, parte realidade e parte ficção. Questiona a veracidade da fotografia, da biografia e do arquivo em geral. Usa tecnologia analógica para celebrar a câmara escura experimental. Colapsando corpos, cronologias e geographies, este projeto é uma metáfora da mutabilidade e incompreensibilidade da experiência humana.

Em eslovaco, “*koža*” significa pele.

Deanna Pizzitelli

*We acknowledge the support of the Canada Council for the Arts.
Nous remercions le Conseil des arts du Canada de son soutien.*



Canada Council
for the Arts

Conseil des arts
du Canada

"Barbara / Dominika, II", 2019, 18.7 x 21.7cm, Toned Silver Gelatin Print
©Deanna Pizzitelli / Courtesy of Stephen Bulger Gallery.



Family, Starý Tekov, II & III, 2017, 16.2 x 10.1, Toned Silver Gelatin Print
©Deanna Pizzitelli / Courtesy of Stephen Bulger Gallery.



ESPAÇOS ASSOCIADOS

ASSOCIATED SPACES

119 MARVILA STUDIOS
Carlos Lobo

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA- FOTOGRÁFICO
Guilherme Silva

ATELIER DE LISBOA
Ana Paganini, Cláudia Florêncio, Guillaume
Pietri, Rodolfo Gil, Sérgio Carmenates

GALERIA CARLOS CARVALHO
José Maças de Carvalho

GALERIA LITTLE CHELSEA
Laurent Hou

INSTITUTO CULTURAL ROMENO
Alina Zaharia

A PEQUENA GALERIA
Alexandra Cabral

UNDERDOGS GALLERY - Capsule
The Art of Rage

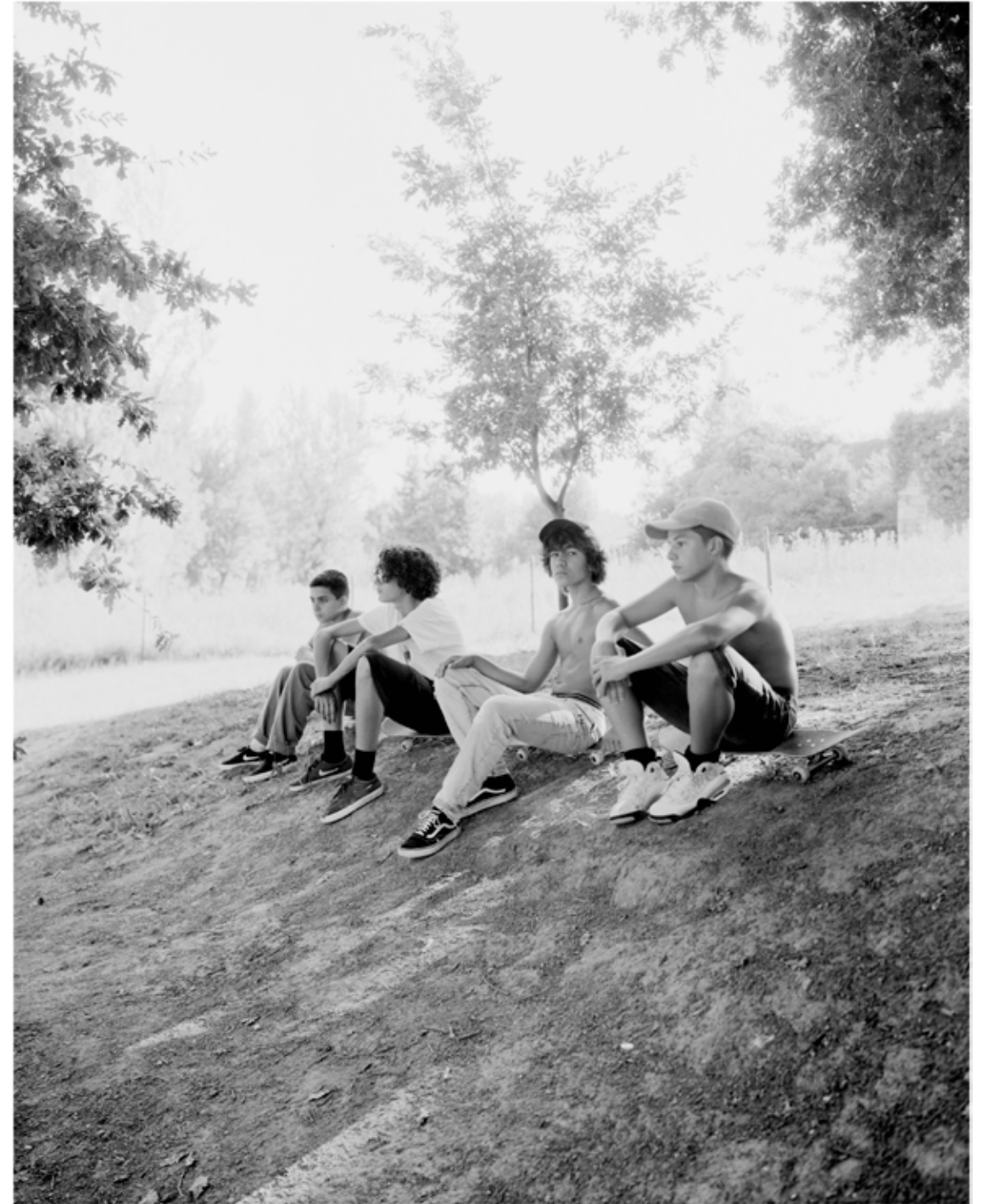
Forever And Over Again

Forever and over again (Para sempre e de novo) é o nome do novo projeto editorial de Carlos Lobo, um corpo de trabalho mais amplo, publicado pela Lebop com o título "I would run this way forever and over again". O lirismo de ambos títulos antecipa uma obra carregada de melancolia, na qual a juventude se revela como protagonista, seja como presença etérea, seja como saudade. Nesta série o autor revela um espécie de manifesto em imobilizar o tempo e um idílico perpetuar da juventude (cujo desfiar é inevitavelmente ininterrupto).

Iforever and over again is the name of Carlos Lobo's new editorial project, a wider body of work, published by Lebop under the title "I would run this way forever and over again". The lyricism of both titles anticipates a work full of melancholy, in which youth reveals itself as protagonist, either as an ethereal presence or as saudade. In this series, the author reveals a kind of manifesto in immobilizing time and an idyllic perpetuation of youth (whose unraveling is inevitably uninterrupted).

Esta exposição foi produzida pela Salut au monde! e apresentada no seu próprio espaço no Porto no dia 22 de abril de 2022. A apresentação em Lisboa é desenvolvida em parceria com a galeria 119 Marvila Studios no âmbito do festival IMAGO Lisboa.

This exhibition was produced by Salut au monde! and opened in Porto on April the 22nd 2022. This presentation is carried out with the support of 119 Marvila Studios on the frame of IMAGO Lisboa photo festival.



GUILHERME SILVA

No Planeta onde Vivo

A exposição Guilherme Silva - No Planeta Onde Vivo, reúne pela primeira vez no Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico um vasto conjunto de provas impressas pelo autor, de diferentes épocas e contextos de produção, que revelam não só o seu profícuo percurso como ainda a sua singular linguagem fotográfica. Guilherme Silva, dedicou toda a sua vida profissional em exclusivo à fotografia (final dos anos 60 até inícios do século XXI), atividade essa que foi repartida entre o ensino, a foto-reportagem, o trabalho autoral, encomendas e projetos de longa duração. As participações nas emblemáticas primeiras edições dos Encontros de Fotografia de Coimbra (1980 a 1982), uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para o desenvolvimento de trabalho autoral de fotografia (1985), ou a sua participação na exposição Fotoporto (1988), com catálogo editado pela Fundação de Serralves, fazem do seu trabalho uma referência importante na mediação entre a reportagem, o ensaio e o projeto fotográfico.

Sem título (Lisboa, 26 de Abril de 1974)

Sem título (Lisboa, 1980)



ATELIER DE LISBOA

Livros e Fotografias

O Atelier de Lisboa apresenta nesta nova exposição um conjunto de fotografias e de maquetes de: Ana Paganini, Cláudia Florêncio, Guillaume Pietri, Rodolfo Gil e Sérgio Carmenates. A exposição conta com a curadoria de Bruno Pelletier Sequeira.

Atelier de Lisboa presents in this new exhibition a set of photographs and dummies by: Ana Paganini, Cláudia Florêncio, Guillaume Pietri, Rodolfo Gil and Sérgio Carmenates. The exhibition is curated by Bruno Pelletier Sequeira.

Atelier de Lisboa

Rodolfo Gil / Guillaume Pietri / Ana Paganini
Cláudia Florêncio / Sérgio Carmenates



JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO

Galeria Carlos Carvalho

Contratempo

“De rasto em rasto, de vestígio em vestígio, os arquivos de José Maçãs de Carvalho inscrevem-se nas superfícies (ecrãs) como sintoma, fixando-se ora nas fotografias, ora no dispositivo da vídeo-instalação”.

Texto de Ana Rito

“From traces to traces, from remnants to remnants, José Maçãs de Carvalho archives are imprinted on surfaces (screens) as a symptom, projected on photographs as well as on video installation.”

Text by Ana Rito



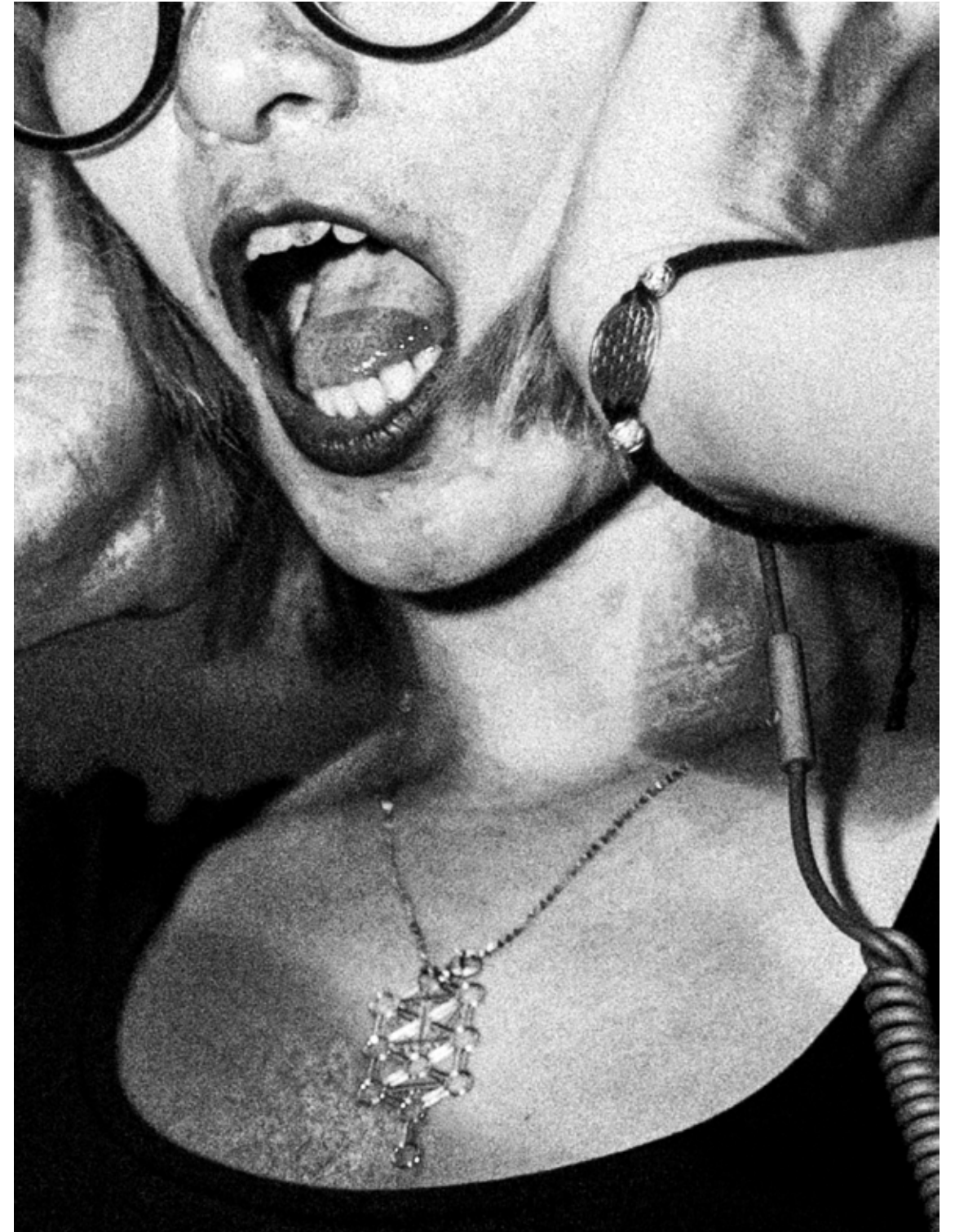
Beijing Reminiscences

Reminiscences Pékinoises é um projecto fotográfico baseado num arquivo de milhares de fotografias tiradas por Laurent Hou durante o tempo em que viveu em Pequim e participou em concertos em vários locais no centro da cidade, várias vezes por semana. Desde 2013 até à sua partida de Pequim em 2017, tornou-se parte integrante desta cena subterrânea dinâmica. Deixar esta cena tornou-o profundamente nostálgico, especialmente ao ver desaparecer grande parte dela, à distância e sem poder. A especulação imobiliária, a renovação urbana no centro de Pequim, o endurecimento político e a epidemia de coronavírus levaram ao encerramento de lugar após lugar, ao qual estava profundamente ligado. Este projecto fotográfico, desenvolvido com a directora artística Sarah Neiger, é portanto profundamente introspectivo, pessoal e cheio de emoção. É prolongado pela criação de serigrafias, cuja tinta preta também exprime nostalgia e desaparecimento. Estes são feitos com o artista CarCam do Studio C-pia.

Beijing Reminiscences is a photography project based on the archive of thousands of images taken by Laurent Hou when he was living in Beijing and would attend concerts several times a week, in the heart of this city. From 2013 until his departure from Beijing in 2017, he became an actor of this dynamic underground scene. Leaving this beloved circle made him quite nostalgic, while this small world is increasingly struggling. Real estate speculation, urban renovation of Beijing's city centre, the tightening of China's policies about art and censorship and the covid-19 pandemic led to the closure of many places he cherished. This project is therefore about a very intimate introspection, filled with emotion. Art director Sarah Neiger worked with him to put in perspective his experience. In addition to photographs, Laurent Hou also created screenprints which black ink express nostalgia and disappearance. Screenprints were created in collaboration with artist CarCam from Studio C-pia.

Direção do projeto / Project direction

Sarah Neiger



A Fada do Salgueiro

Este trabalho convida a uma reflexão sobre a inocência, a identidade e o contínuo medo de sofrer. A autora enfrenta-o desde a linguagem documental com o intuito de ordenar as suas memórias, reconciliar-se com o passado e aceitar as vulnerabilidades para encontrar as fortalezas. Apesar de ser um trabalho com uma abordagem desde o íntimo, é realizado com uma gramática universal capaz de fazer de espelho a qualquer mulher, independentemente da sociedade em que se cria, pois o patriarcado e a opressão é transversal a qualquer cultura.

Alina Zaharia começa este ensaio fotográfico como uma revisitação às vivências da infância na Roménia, ocupando os espaços que ficaram marcados na sua memória, olhando para as fotografias familiares, voltando a ritos e tradições e revivendo histórias marcantes do âmbito familiar.

A partir dessa viagem imersiva, a autora irá perceber como as antigas memórias, mais presentes do que ela achava, continuaram a manifestar-se ao longo da sua vida. Assim, começa uma segunda fase do trabalho no qual, já emigrada em Portugal, começa a relacionar as linhas do presente e do passado num tear terapêutico que procura a compreensão das constantes repetições, do capítulo vivido em loop da Roménia a Portugal.

(Excerto do texto curatorial)

This work invites for a reflection about innocence, identity and the continuous fear of suffering. The author faces everything using the documentary language in order to organize her memories, reconcile with the past and accept vulnerabilities to find strengths. Despite being a work with an approach from the intimate, it is carried out with a universal grammar capable of mirroring any woman, regardless of the society in which she is raised, as patriarchy and oppression are transversal to any culture.

Alina Zaharia begins this photo essay as a revisitation of childhood experiences in Romania, occupying the spaces that she kept in her memory, looking at family photographs, returning to rites and traditions and reliving touching stories from the family environment.

From this immersive journey, the author will realize how old memories, more present than she thought, continued to manifest throughout her life. Thus, a second phase of work begins in which, already living in Portugal, she begins to relate the lines of the present with those of the past in a therapeutic loom that seeks to understand the constant repetitions, replicating the chapter lived between Romania to Portugal.

(The Willow Fairy, Fragment from the curatorial text)



Curador / Curator:

Vítor Nieves

Produção / Production

Apoio / Support

ALEXANDRA CABRAL

wayfinding

As fotografias surgem como um diário visual, atraído pelos fragmentos do quotidiano, onde a singularidade de momentos, formas e cores se destacam. Os pormenores captam a atenção, podendo surgir na escala de uma silhueta, no movimento de alguém, na simplicidade de uma forma ou no impacto de uma cor.

Numa abordagem minimal, as imagens procuram transmitir, em cada publicação, uma narrativa associada a uma breve legenda.



Waiting along thin lines



Classic double walk

THE ART OF RAGE

Distortion

"In the current climate photos are considered paramount in the graffiti scene, in particular where train graffiti is concerned due to its short lifespan"

Rage, 2021

Dentro do contexto do Festival Imago e da ideia de reflexão em torno dos diferentes territórios da fotografia, a galeria Underdogs propõe o trabalho do artista alemão Rage.

Natural de Hamburgo, o graffiti aparece na sua vida muito cedo, como forma de protesto contra um certo conformismo e conservadorismo social. Este lado de desobediência, revolta e "rage" contra o status quo permeia até hoje a sua obra e técnica.

A exposição "Distortion" constitui a súpula de mais de 25 anos de intervenções no espaço público, em que a arte surge como expressão máxima de não conformismo.

É nos comboios que a sua linguagem plástica se desenrola, elevando-os da funcionalidade banal e quotidiana de meio de transporte, a objetos artísticos de desobediência que nos obrigam a olhar para o mundano com outros olhos.

A captura de imagem (seja em fotografia ou vídeo) e a imagem em movimento fascinam Rage.

A plasticidade da forma, da caligrafia e da cor assumem contornos alternativos quando vistos a uma certa velocidade. O trabalho de Rage é, por isso, profundamente multidimensional no sentido em que para além da forma estática, assume uma configuração alternativa dada pelo movimento. O artista captura em vídeo esta mutação plástica permitindo que o espectador possa fruir no espaço da galeria a experiência perceptual do espaço urbano.

O registo fotográfico da sua obra aborda o lado efémero destas intervenções. A fotografia eterniza e captura o lado fugaz do trabalho do artista e por isso assume um protagonismo funcional e necessário: uma ferramenta da perceção que está muito para além das barreiras do artístico.



UNDERDOGS GALLERY - capsule

Within the context of Imago Festival and the idea of critical thinking around the different territories of photography, Underdogs gallery proposes the work of the German artist Rage.

Born in Hamburg, graffiti art appears quite early in his life as a form of protest against conformism and conservative societal norms. In fact, disobedience, rebellion and "rage" against the status quo permeates his work and technique to this day.

The exhibition "Distortion" is therefore a summary of more than 25 years of interventions in the public space, in which art appears as the maximum expression of non-conformism.

Trains are the recipients of his plastic language and where his creativity unfolds, elevating them from the banal functionality of means of transportation, to artistic objects of disobedience that compel us to look at the mundane with different eyes.

Image capture (whether still photography or video) and the concept of a moving image absolutely fascinates Rage.

The plasticity of shapes, calligraphy and color assume alternative contours when viewed at a certain speed. Rage's work is, therefore, deeply multidimensional in the sense that in addition to the static form, it assumes an alternative configuration given by movement. The artist captures this visual mutation on video, allowing the viewer to enjoy the perceptual experience of the urban space in the gallery setting.

Photography addresses the ephemeral side of these interventions. It perpetuates and captures the fleeting side of the artist's work and therefore assumes a functional and necessary role: a tool of perception that goes far beyond the barriers of the artistic.



ATIVIDADES :: ACTIVITIES

Fotografia ambulante :: **Projeções**
:: Masterclass :: *Lisboa Photo Book Fair Pre-
view* :: **Lisboa Meeting Point** :: **Debates**
:: **Book Launch** :: **Projeções** ::
Masterclass :: *Lisboa Photo Book Fair Pre-
view* :: **Lisboa Meeting Point** :: **Debates**
:: **Book Launch** :: *Fotografia am-
bulante* :: Masterclass :: *Lisboa Photo Book
Fair Preview* :: **Lisboa Meeting Point** ::
Debates :: **Book Launch** :: *Fo-
tografia ambulante* :: **Projeções**
:: *Lisboa Photo Book Fair Preview* :: **Lisboa
Meeting Point** :: **Debates** :: **Book
Launch** :: *Fotografia ambulante* ::
Projeções :: Masterclass :: **Lisboa
Meeting Point** :: **Debates** :: **Book
Launch** :: *Fotografia ambulante* ::
Projeções :: Masterclass :: *Lisboa Photo
Book Fair Preview* :: **Lisboa Meeting Point**

FOTOGRAFIA AMBULANTE

24/09 > 18:30

Breve História dos Movimentos Fotográficos

Do pictorialismo aos anos 1960.

Entre os diversos objetivos do IMAGO LISBOA conta-se a contribuição para um maior conhecimento e compreensão da história da fotografia, assim como aprofundar a literacia visual.

A fim de alcançar essas metas temos desenvolvido diversas atividades formativas e pedagógicas em torno da História da Fotografia.

A ação proposta na presente edição, desenvolve o conhecimento conciso dos principais movimentos/momentos fotográficos que se desenvolvem de 1890 a 1960: do pictorialismo até à fotografia americana (Frank, Klein e Arbus).

Gratuito e aberto ao público em geral, mediante inscrição: contact@imagolisboa.pt

Formador: Rui Prata

Biblioteca Municipal das Galveias
Campo Pequeno, 1049-046 Lisboa

AULA ABERTA COM HARRI PÄLVIRANTA

03/10 > 18:00

O artista Finlandês, com amplo percurso pedagógico e reconhecido estatuto artístico, apresenta algumas ideias chave da construção das suas narrativas que se desenvolvem no âmbito da noção de *Expanded Documentary* nas atuais práticas fotográficas.

Entrada Livre mas limitada ao número de lugares

Universidade Lusófona
Campo Grande 376, 1749-024 Lisboa

LISBOA PHOTO BOOK FAIR PREVIEW

01/10 > 11:00-19:00

Desde 2010 que a Feira do Livro de Fotografia de Lisboa tem procurado reunir e fomentar todos os que desenvolvem trabalho no domínio da edição de trabalhos fotográficos em formato livro - fotógrafos, editores, livreiros e durante um fim de semana, e ter assim, uma mostra representativa do trabalho desenvolvido ao longo do ano. Em 2022, em antecipação à data habitual da Feira, sempre no último fim de semana de novembro, e em conjunto com o Festival IMAGO LISBOA apresenta a LPBF Preview.

A LFBF Preview é um evento de um dia e contará com um ciclo de conversas em torno da edição em livro, com alguns dos fotógrafos presentes na edição 2022 do Festival Imago e ainda com um mercado de fotolivros, onde poderão ser encontrados vários dos livreiros e editores, que habitualmente estão presentes durante a Feira do Livro de Fotografia de Lisboa: Augusto Brázio, Mafalda Rakos, Flávio Andrade.

Entrada Livre

IPCI - Instituto de produção e Comunicação de Imagem
Avenida Conde Valbom 102 B, 1050-070 Lisboa

DEBATE - PHILOSOPHY PHOTOGRAPHY LAB

04/10 > 18:30

O PHLSPH-Philosophy Photography Lab, plataforma online criada para servir o propósito de partilha de conhecimento entre artistas e filósofos, organiza uma discussão entre a filósofa Stefanie Baumann e o artista Harri Pälviranta sobre o papel da filosofia na produção de imagens.

Como está a filosofia inserida no trabalho dos artistas e de forma pode ser usada como ferramenta para o desenvolvimento da sua prática? Podem os artistas informar o trabalho dos filósofos? A filosofia está ligada apenas à fotografia concetual? Estas serão algumas das questões abordadas, ao mesmo tempo que convidamos o público a participar e trocar opiniões.

Conversa moderada por Alexandra Athanasiadou, fundadora e diretora do PHLSPH Lab.

Entrada Livre mas limitada ao número de lugares

IPCI - Instituto de produção e Comunicação de Imagem
Avenida Conde Valbom 102 B
1050-070 Lisboa

PROJEÇÕES

Antropocénica

07/10 > 18:30

No primeiro encontro da série internacional *Antropocénica*, a Amazónia é vista como território-síntese das transformações sob o Antropoceno. Convidamos o fotojornalista Lalo de Almeida para um relato ilustrado da sua experiência nesta vasta região, a partir de imagens selecionadas da premiada série fotográfica que realizou — *Distopia Amazónica* — projetadas especialmente nas ruínas do Teatro Romano de Lisboa, abrindo assim a mostra *TransAmazónias: Zonas Imaginárias*, com a curadoria de Silvío Cordeiro, produção de Dirk Michael Henrich e Maria da Conceição Lopes.

Entrada Livre limitada ao número de lugares

Teatro Romano de Lisboa

Rua de São Mamede, 3 A 1100-532 Lisboa

PROJEÇÕES

Sonhos Lúcidos, Depois de 100 Anos de Solidão

18/10 > 18:30

“Sonhos lúcidos, Colômbia, Após 100 anos de Solidão”, é um filme que aborda de uma forma documental, o que se passa agora na Colômbia, que ainda tem muito a ver com a memória e a formação de uma identidade como Nação. A Medellín marcada profundamente pela memória da guerra de guerrilha e do narcotráfico e que, ainda hoje, está sujeita a outros fenómenos relacionados com estes. Cidade em que a passagem numa “fronteira invisível” pode significar a morte. Noutros lados lembram-nos que se uma pessoa fala, é presa e, se não fala também. A felicidade, a dor, a morte, a ilusão, a sabedoria, a violência, a cor, a sensibilidade, a solidão, a partilha, enfim, Amor remete-nos para o legado de “Gabo” que nos deixou a imagem, que a realidade da América Latina está cheia de coisas extraordinárias, apesar de tudo... Mais longe de alguns destes problemas, aparece-nos a Amazónia Colombiana, que nos recorda que os povos na sua origem não estavam separados por fronteiras fictícias e que ainda hoje procuram preservar a sua cultura e identidade”.

Entrada Livre limitada ao número de lugares

Universidade Lusófona: sala Z 0.3

Campo Grande 376, 1749-024 Lisboa

LISBOA MEETING POINT

Photofolio Review

20, 22, 27, 29 DE SETEMBRO ONLINE

O Photofolio Review está aberto a candidatos de todo o mundo e é uma excelente oportunidade para fotógrafos, quer emergentes quer com carreira já estabelecida, apresentarem os seus projetos a um grupo exclusivo de especialistas na área de fotografia, nomeadamente, curadores e diretores de museus, centros de fotografia e festivais.

Reviewers da presente edição

- Anna Tellgren (Curadora de Fotografia, no Moderna Museet, Suécia)
- Anne Nwakalor (Editora de Fotografia; Fundadora da “No! Wahala Magazine”)
- Elina Heikka (Directora The Finnish Museum of Photography, Finlândia)
- Giovana Calvenzi (Curadora, no Museo di Fotografia Contemporanea, Itália)
- Moritz Neumuller (Curador e Professor, Austria/Espanha)
- Paula Roush (Editora e Professora)
- Paulo Catrica (Fotógrafo, Investigador e Professor, Portugal)
- Tina Shelhorn (Curadora, no Tbilisi Photo Festival, Georgia)

O vencedor de Melhor Portfólio terá como prémio uma exposição individual, na edição de 2023 do Imago Lisboa

Coordenação: Susana Paiva

LANÇAMENTO DE LIVRO

04/11 > 18:00

Lançamento do livro de fotografia “D,P,O”, de Tim J. Veling

“Fui internado no hospital. Por favor, não te preocupes, mas liga-me quando puderes. Muito amor, D,P,O.”

“Era sempre como ele se despedia; abreviação de pai (Dad), Pete, e avô (Opa). Tim J. Veling de imediato descobriu que o pai teria sido diagnosticado com cancro terminal no pulmão e com expectativa de apenas três meses de vida. De repente, o tapete foi puxado debaixo dos seus pés.”

Entrada Livre com Festa de Encerramento

a ilha / XYZ Bookshop

Rua Ilha do Príncipe 3 A - Porta E, 1170-182 Lisboa

BIOGRAFIAS

Alexandra Cabral

Designer de comunicação (Licenciatura 2001; Doutoramento 2018 FBAUP), com projetos desenvolvidos na área de design de comunicação, nomeadamente na área gráfica da identidade, editorial, fotografia, design de exposição e ambientes e desenho de sistemas de orientação para espaço público; Designer na Gaiurb, Empresa Municipal de Urbanismo e Habitação e coordenadora do projeto municipal de orientação visual urbana, Walkingaia.

Alina Zaharia

Alina Zaharia. Roménia, 1981.

Vive em Portugal desde 2008 quando veio através de uma bolsa Erasmus em Gestão e Marketing, no ISCAP, no Porto, onde acabou por ficar.

Atraída desde sempre pela fotografia, em 2019 estuda o Curso Básico de Fotografia no Instituto de Produção Cultural e Imagem (IPCI) no Porto. Atualmente é aluna do Curso Profissional de Fotografia no IPCI em Lisboa, onde vive desde 2021.

Para ela, a fotografia é a ferramenta perfeita para estender ligações entre Roménia e Portugal, abordando temas de carácter humanístico e sociocultural, com o objetivo de evidenciar as semelhanças entre os dois países. Interessada pela linguagem documental, debruça-se em cada projeto com uma marcada estética que traz à tona questões não só políticas, senão também sensoriais e emocionais. Atualmente está a trabalhar num novo projeto no qual, através de retratos, aborda temas como a integração e a adaptação do dia a dia de pessoas romenas que vivem em Portugal.

Alexandre Delmar

Alexandre Delmar (Porto, 1982) vive e trabalha entre a cidade do Porto e a aldeia de Lagoa, em Trás-os-Montes.

Em 2005 terminou o Bacharelato pela Escola Superior Artística do Porto e em 2007 licenciou-se em Tecnologias da Comunicação Audiovisual pela ESMAE.

Foi artista em residência da Open Studios em Praga (República Checa) e da Frauga - XVI Encontros da Primavera, em Picote. Foi bolseiro da Fundação Oriente (Kolkata, Índia), do concurso Criatório do Porto e do programa de atividades satélites da Porto Design Biennale. Foi um dos artistas premiados na XXI Bienal Internacional de Arte de Cerveira com “A Fala das Cabras e dos Pastores”. Em 2021 cria A Recoletora, juntamente com Maria Ruivo, e publica, em co-autoria, o livro “Anotações sobre o Abaixo de Cão” pela editora Spector Books.

Ana Paganini

Ana Paganini (Lisboa, 1995)

Estudou direção de fotografia e cinema no London College of Communication 2014-2018.

Estuda fotografia no Atelier de Lisboa desde 2020, tendo concluído em Julho de 2022 o Curso de Projecto e Construção de um Livro.

Ainda em Londres desenvolveu trabalhos de backstage nos teatros do West End e fez fotografia de cena para filmes. Foi nessa altura que aprofundou o carácter documental que a caracteriza e que é hoje a sua assinatura. Os seus trabalhos mais recentes perpetuam esta mesma forma de fotografar que é transversal aos vários temas que lhe despertam a curiosidade: memória, identidade e pertença, muito visível nos seus projectos. Propõe ao observador uma ligação íntima com a imagem pela empatia que caracteriza o seu modo de fotografar. Procura os negros profundos e uma luz ténue que ilumina apenas o necessário tal como os quadros renascentistas.

Das exposições individuais que realizou, destacam-se: Velharias Morais, Espaço Cultural Mercês, Lisboa (2021) e Reflexos de Mateus na Fundação da Casa de Mateus (2007). Das exposições colectivas em que participou destaque para: (Flight to Paradise) na Casa Independente, Lisboa (2019) , Then There Was Us, Manchester (2019) e Doomed Gallery, Londres (2016), e Mostra (2020), Lisboa. Mais recentemente começou a materializar projectos em suporte livro. Neste momento produziu duas maquetes: Velharias Morais (2021) e The Happy Hermits (2022).

<https://www.anapaganini.com>

António Carrapato

António Carrapato (Reguengos de Monsaraz, 1966) Estuda fotografia no ArCo Lisboa e começou a sua carreira fotográfica nos anos 90, a fotografar para os jornais portugueses, principalmente para o jornal Público no Alentejo. Em paralelo desenvolve um trabalho de fotografia de autor. Em 2009 participou no projeto da Estação Imagem onde é membro fundador.

Tem estado envolvido em várias iniciativas e eventos, como foi o caso do Foto Fest em Copenhaga 2013, exposição RISO na Fundação EDP, Lisboa 2013, exposição Grupo de Évora na Pequena Galeria em Lisboa 2013. Fez a exposição Na’ vejo, Fábrica Braço de Prata, Lisboa 2015, a exposição 1013 Anos, no Museu de Évora e na Galeria Módulo a exposição Encantamento 2016. Em Viana do Castelo a exposição Inauguro#54, 2017; Claustrofonia no convento dos Remédios, Évora 2018. 27/27 exposição na praça do Sertório, Évora 2020. Séufonia a música da Sé de Évora a céu aberto Rua 5 de Outubro em Évora 2021. Várias publicações como Planeta Ovibeja (2008), Arte na Fundação Luso-Brasileira (2007) e Extensão do Olhar, Uma antologia visual da fotografia portuguesa contemporânea (2005) da Fundação PLMJ.

É no território rural do Alentejo e em contextos urbanos internacionais que utiliza a sua capacidade de observação para criar um universo visual onde a relação entre o homem e a sua envolvente revelam subtis ironias ou absurdas coincidências.

António Cunha

Foi em Beja, sobre a extensão da planície, fecunda em searas e em horizontes, que nasceu para o mundo e para a luz do Alentejo. Deslumbrado por essa luz, nasceu para a fotografia em 1980, sendo diversas as áreas em que se

tem envolvido, entre as quais a história, a arqueologia, a museologia, a etnografia e o fotojornalismo.

Autêntico e profundamente alentejano, mas andarilho do mundo, efectuou reportagens fotográficas em Portugal, Açores, Espanha, França, Marrocos, Peru, Bolívia, Chile, Bélgica, Córsega, Suécia, Finlândia, Noruega, Canadá, E.U.A., Quênia, Grécia, Rép. Checa, Índia, Maldivas, Zanzibar (Tanzânia), Itália, Tunísia, Inglaterra, Brasil, Vietname, Síria, Japão e Irão.

Da sucessão das suas exposições fotográficas individuais e colectivas, no país e no estrangeiro, destacam-se as que fez em Lisboa, Coimbra, Évora, Porto, Beja, Mértola, Monsaraz, Moura, Serpa, Abrantes, Sines, Setúbal, Estremoz, Frankfurt, Toronto, Arles, Haia, Estrasburgo, Bruxelas, Marrocos e Córsega.

Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian (de 8/89 a 10/92) na realização do levantamento fotográfico de arqueologia industrial das minas de S. Domingos, através do Campo Arqueológico de Mértola.

Fotógrafo de campo em recolhas etno-musicais com Michel Giacometti, entre 1986 e 1990.

Augusto Brázio

Augusto Brázio (Brinches, Serpa, 1964) estudou na Escola Superior de Belas Artes, em Lisboa.

Autor com um percurso regular na área da fotografia desde os anos 90 do séc. XX, tendo vários livros publicados, obteve o primeiro prémio Fotojornalismo Visão / BES em 2008.

Foi membro do Coletivo Kameraphoto (2003-2014) e um dos 13 fotógrafos portugueses escolhidos para o programa Entre Imagens da RTP. Ao longo do seu percurso, conta com exposições em Lisboa, Porto, Paris, Bruxelas, Budapeste, entre muitas outras cidades.

Nos últimos anos, focou-se em projetos pessoais, onde reflete sobre questões de imigração, pertença e ocupação do território.

A sua obra está presente em diversas coleções, nomeadamente: Coleção de Fotografia do Novo Banco, Centro de Artes Visuais Coimbra, Fundação PLMJ, Encontros da Imagem de Braga, Fundação EDP, Centro de Artes de Sines, Coleção Norlinda e José Lima. É representado pela Galeria das Salgadeiras desde 2012.

Carlos Lobo

Carlos Lobo (Guimarães, 1974) é fotógrafo, editor, músico, realizador, ... disciplinas que se entrelaçam e se complementam, definindo um universo pessoal onde inúmeros temas e interesses se vão mesclando e influenciando mutuamente. É como se o autor se rebelasse contra um estabelecimento de uma linguagem formal única, procurando antes uma constante reinvenção do seu trabalho cujos temas vão da paisagem, do retrato às naturezas-mortas. Nesta incessante procura de novos assuntos fotográficos, Carlos Lobo troca e baralha a sua linguagem formal, sendo a sua nova monografia “I would run this way forever and over again” mais uma etapa no seu percurso artístico já marcado por várias monografias bem como exposições em

prestigiadas instituições públicas em privadas onde o seu trabalho está representado

Cláudia Florêncio

Cláudia Florêncio (Lisboa, 1979)

Estudou e trabalha na área da saúde e sustentabilidade. Completou o curso profissional de fotografia em 2014 na Associação Portuguesa de Arte Fotográfica. Estuda no Atelier de Lisboa desde 2019. Tendo concluído o curso de Projecto com Daniel Malhão em 2020 e o Curso de Projecto e Construção de um Livro com Bruno Pelletier Sequeira em Julho de 2022.

Das exposições colectivas em que participou, destaque para: The Worst-Case Scenario, Atelier de Lisboa, como participação na Imago Lisboa 2020; Nothing but time, Nunhead Art Trail no Green Community Center, Londres 2017; Seeds of Change, Stockholm Resilience Center, 2016; Caught in Nets, Livraria dos Coruchéus, Lisboa, 2016 Tem dois livros publicados (Nothing but time e A Post-Travel Journal) como parte do Coletivo Fragma. E apresenta nesta exposição duas novas maquetes recentemente terminadas. Como autora, os temas que aborda focam-se principalmente em questões sociais e ambientais, com o objectivo de informar o público e de despertar consciências; e mais recentemente a temática da maternidade e família..

Dayan de Castro

Dayan de Castro (1985) é artista visual que nasceu no interior de Minas Gerais e atualmente vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Doutorando e mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas, é também bacharel em fotografia e vem desenvolvendo projetos autorais desde 2008. Suas buscas são sempre guiadas pela filosofia, literatura e análise do contemporâneo, além da pesquisa realizada em cada projeto por um suporte que mais o adense. Assim tem trabalhado em diferentes plataformas como: vídeo, instalação, fotografias aplicadas a metais e processos históricos revelados em mármore e madeira. Os trabalhos têm sido expostos e nos últimos anos podemos ressaltar: “Sibila” 2018 exposição na Estação de Trens Metropolitanos Pinheiros em São Paulo, Brasil; “What’s going on in Brazil” 2019 no Rencontre de la Photographie D’arles - França; “Exposição Compartilhada” 2021 Encontros Visuais Na Esquina do Brasil, Natal e “Diversidade Brasileira” 2022 no Chengdu Contemporary Image Museum - China..

Deanna Pizitelli

Deanna Pizzitelli (n. 1987) é uma artista e educadora canadiana. Tem uma licenciatura em Belas Artes da Ryerson University (Canadá) e um mestrado em Belas Artes da Universidade do Arizona (EUA).

O seu projeto Koža, Mulheres & Outras Histórias foi um dos 10 projetos selecionados no âmbito do Louis Roederer Discovery Award 2020 atribuído nos Rencontres de la Photographie d’Arles (França). Foi também seleccionada para o Prémio do Júri dos Prémios Virginia 2020 (França), e em

2018 foi recipiente do prémio Scotiabank New Generation Photography Award (Canadá). Pizzitelli participou em residências artísticas no Canadá, Islândia, Portugal, Alemanha, Finlândia e Suécia. Foi-lhe atribuída uma bolsa de residência na Landskrona Foto, como parte do Fundo PhMuseum Photography Grant 2021.

Pizzitelli é representada pela galeria Stephen Bulger em Toronto (Canadá). O seu trabalho figura nas coleções do Archive of Modern Conflict (Reino Unido) e do Center for Creative Photography (EUA). Atualmente, vive em Bratislava (Eslováquia).

Donna Ferrato

Donna Ferrato é uma fotojornalista reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho inovador sobre violência doméstica.

O seu livro Living With the Enemy (Aperture, 1991), teve quadro edições que acompanharam várias exposições e palestras em todo o mundo, despertando um debate a nível nacional sobre violência sexual e os direitos das mulheres. Em 2014, Donna Ferrato lançou a campanha “I am Unbeatable” para expor, documentar e prevenir a violência doméstica contra as mulheres e crianças através de histórias reais de pessoas reais.

Donna Ferrato contribui para quase todas as agências de notícias do país, e as suas fotografias apareceram em mais de quinhentas exposições a solo em museus e galerias em todo o mundo. É um dos membros da Direção Executiva da Fundação W. Eugene Smith Fund, e foi presidente e fundadora de uma ONG - Domestic Abuse Awareness Project (501-c3). Foi-lhe também atribuída a bolsa W. Eugene Smith, o prémio Robert. F Kennedy por Outstanding Coverage of the Plight of the Disadvantaged, o prémio IWMF Courage in Journalism, a Missouri Medal of Honor for Distinguished Service in Journalism, o prémio de Artist of the Year at the Tribeca Film Festival e o prémio Look3 Insightful Artist of the Year.

Em 2008 a cidade de Nova Iorque proclamou o dia 30 de Outubro como “Donna Ferrato Appreciation Day” e em 2009 foi honrada pelos juizes do Tribunal Supremo de Nova Iorque pelo seu trabalho de promoção da igualdade de género. Em 2020, foi escolhida como uma das Hundred Heroines by the British Arts Foundation. O seu novo livro, Holy, publicado em 2020 pela “powerHouse Books”, é um apelo à ação. O livro proclama a sacralidade dos direitos das mulheres e o poder que elas têm de ser senhoras do seu próprio destino.

Filippo Zambon

Filippo Zambon - nascido em Florença, estudou História da Arte na Universidade de Florença. Depois de trabalhar como assistente para um fotógrafo de guerra, mudou-se para Helsínquia onde, em 2014, obteve um diploma de Mestrado em Belas Artes com componente principal Fotografia na Universidade de Arte de Helsínquia. O seu trabalho já foi exposto em galerias e museus na Europa e publicado em revistas de fotografia em todo o mundo. Os seus trabalhos fazem parte de coleções tais como a

da Hasselblad Foundation em Gotemburgo, Finnish Photography Museum, Tuscany Photographic Archive, Paulo Foundation em Helsínquia, bem como de coleções privadas na Europa.

A sua primeira monografia “The Komi Diary” (“O Diário de Komi”), publicada pela Lecturis, foi eleita livro de fotografia do ano na Finlândia. O seu segundo livro “Short Cut” foi publicado em 2021.

Atualmente, trabalha como artista fotográfico e professor de fotografia em várias instituições.

Flávio Andrade

Flávio Andrade (n. 1964) fotógrafo e artista visual, nasceu e reside em Portugal. Publicou cinco livros até ao momento, Isolation (2021), Nubes (2018), Vago (2017), Déjà vú (2017) e Circle of life (2017). As suas obras fazem parte de coleções públicas e privadas; expõe regularmente desde os anos noventa. No ano de dois mil e dezassete criou a editora FlankusBooks. Estudou comunicação social no ESE, fotografia no Ar.co, no Cenjor e mais recentemente o curso “Seeing Through Photographs” no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Foi professor de fotografia durante dez anos (2003-2013) na Universidade Católica Portuguesa onde co-leccionou a disciplina de teoria e prática da fotografia. É formador de fotografia analógica, digital e fotojornalismo.

Gui Christ

Gui Christ é um fotógrafo que documenta as periferias sociais e culturais do Brasil em projetos autorais e como colaborador dos principais veículos de comunicação mundial como Time Magazine, The National Geographic Magazine, The Washington Post, Billboard e outros. Mesclando narrativas nascidas no fotojornalismo com uma forte linguagem autoral e abordagem criativa, seus trabalhos rompem os padrões visuais tradicionais. Por isso seus dois primeiros livros “Marrocos”, em colaboração com o coletivo Gringo, e “Fissura”, foram apontados entre os melhores fotolivros de fotografia da América Latina. Em 2019, Gui foi nomeado pela revista alemã “European Photography”, em seu especial de 40 anos de existência, como um dos melhores fotógrafos documentais de sua geração. Em 2020, foi o primeiro Brasileiro a receber a bolsa da National Geographic Society para a documentação da pandemia de Covid-19 no país, e em 2022, foi laureado pelo Pulitzer Center para a documentação da Amazõnia.

Guilherme Silva

A atividade fotográfica de Guilherme Silva (Lisboa 1948) inicia-se com cerca de vinte anos de idade tendo realizado a sua primeira exposição quando cumpria serviço militar em Moçambique (1970). De regresso ao Continente fez formação no Instituto Português de Fotografia (1970), integrando o primeiro curso desta instituição e tornou-se membro do Fotoclube 6x6 em Lisboa, tendo sido membro da sua direção entre 1976 e 1983. Foi no Fotoclube 6x6/APAF que realizou as primeiras exposições individuais,

tendo posteriormente realizado mostras em muitas outras instituições (nacionais e estrangeiras) e participado nos emblemáticos “Encontros de Fotografia de Coimbra”, entre 1980 e 1982.

Foi colaborador da revista “Nova Imagem” e foi enviado especial desta revista a França para cobrir os Encontros de Fotografia de Arles (1980).

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian (1985) e viu o seu trabalho premiado pela Organização Mundial de Saúde (1986). Em Lisboa fez trabalhos para o Instituto Português do Património Cultural e para a Câmara Municipal de Lisboa (Bairros da Graça e Bica), tendo colaborado também com o Museu do Teatro.

A bibliografia com imagens suas é vasta, destacando-se a antologia Fotografia Portuguesa 70/80 (Ed. Secretaria de Estado da Cultura, 1982) e a participação na exposição Fotoporto 88 e no respectivo catálogo (Ed. Fundação de Serralves).

As suas imagens fazem parte de diferentes coleções públicas e privadas, entre as quais a Biblioteca Nacional de Paris, Museu do Neorealismo (V. F. de Xira), Fundação Dr. Mário Soares, e integram a Coleção Nacional de Fotografia do Centro Português de Fotografia (DGLAB – Ministério da Cultura)

Guillaume Pietri

Guillaume Pietri (1975, Paris)

Vive em Lisboa, onde conjuga os seus projetos como fotógrafo, e o seu trabalho como mergulhador comercial. Antes de se dedicar profissionalmente ao mar, inicialmente como skipper e depois como mergulhador comercial, Guillaume Pietri formou-se em filosofia em Paris.

Com tanto tempo no mar, o seu interesse voltou-se gradualmente para a vida dos outros dentro da cidade e questionou a situação do ser humano no universo concentrado da vida urbana em geral e dos espaços públicos em particular.

Iniciou os estudos no Atelier de Lisboa em 2020, tendo concluído em Julho de 2022 o Curso de Projeto e Construção de um Livro.

Hannah Kozak

Hannah Kozak was born to a Polish father and a Guatemalan mother in Los Angeles, California. At the age of ten, she was given a Kodak Brownie camera by her father, Sol, a survivor of eight Nazi forced labor camps and began instinctively capturing images of dogs, flowers, family and friends that felt honest and real. While working in a camera store at the age of twenty, Hannah’s life changed when she met a successful stuntwoman named Victoria Vanderkloot who became her mentor and helped her start a career in stunts. Hannah has turned the camera on herself, her life and her world. She continues to look for those things that feel honest and real, using her camera as a means of exploring feelings and emotions. After decades of standing in for someone else, she now is in control of her destiny and vision.

Hannah creates psychological and autobiographical pho-

tographs. Her subjects are the people and places that touch her emotionally. She has been photographing people and places for nearly five decades. Photography has the power to heal and to help us through difficult periods, something Hannah Kozak knows first-hand from personal experience.

“I use my camera as a means of exploring my feelings and emotions. My photos are my emotional predicaments. When someone allows me to photograph them, they give me a piece of themselves that I can forever hold onto. In moments of melancholic desire and solitude, I can feel them again from the connection of our photos. My photographs are direct, honest and without pretense.

Harri Pälviranta

Harri Pälviranta (Finlândia, 1971) é um artista fotográfico e investigador. Doutorado em Fotografia pela Aalto University School of Arts: Design and Architecture, em Helsínquia (2012) e mestre em Media Studies pela Universidade de Turku (2005).

Recentemente teve trabalhos integrados em exposições no Fotomuseum Winterthur (Suíça), Museu Benaki em Atenas (Grécia), Kunst Haus Wien (Áustria), Museu da Cidade de Helsinki (Finlândia) e Deichtorhallen, Haus der Photographie (Hamburgo, Alemanha), e exposições individuais na Galeria H2O, em Barcelona (Espanha) e no Museu de Fotografia da Letónia em Riga (Letónia). Em 2007 ganhou o prémio PhotoEspaña Descubrimientos e em 2010 o prémio LeadAwards em Hamburgo. Em 2020, foi premiado com uma bolsa de investigação de quatro anos, pela Fundação Cultural Finlandesa (2020-2023).

Os interesses artísticos de Pälviranta prendem-se com questões relativas à violência e à masculinidade, ambas presentes no seu trabalho. Como Slavoj Žižek, Pälviranta vê a violência como uma prática diversa: pode ser vista como subjetiva e objetiva, e pode assumir formas simbólicas e sistémicas. A sua compreensão da masculinidade também é estratificada: a masculinidade pode ser vista como culturalmente codificada e presente, perpetuando-se no dia-a-dia.

Teoricamente, grande parte de sua obra prática pode ser categorizada como documental. No entanto, no uso de Pälviranta, o documentário não se refere apenas ao documentário clássico, seu trabalho ativa conceitos críticos dentro do discurso pós-documental. Em projectos recentes, ele aproxima-se da metodologia do arquivo e a documentação passa a ser sinónimo e também meio, para produção de imagens.

https://harripalviranta.com

José Maçãs de Carvalho

José Maçãs de Carvalho (Anadia, 1960)

Doutoramento em Arte Contemporânea - Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, em 2014; estudou Literatura nos anos 80 na Universidade de Coimbra e Gestão de Artes nos anos 90, em Macau onde trabalhou e viveu. É Professor Auxiliar no Dep. de Arquitetura e no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra onde coordena o Mestrado em Estudos Curatoriais.

Foi bolseiro da F.Calouste Gulbenkian, F.Oriente, Instituto Camões, Centro Português de Fotografia e Instituto das Artes/Dgartes, Em 2003 comissaria e projecta as exposições temporárias e permanente do Museu do Vinho da Bairrada, Anadia; em 2005 comissaria “My Own Private Pictures”, na Plataforma Revólver, no âmbito da LisboaPhoto. Nomeado para o prémio BESPhoto 2005 (2006, CCB, Lisboa) e para a “short-list” do prémio de fotografia Pictet Prix, na Suíça, em 2008.

Entre 2011 e 2017 realizou sete exposições individuais em torno do tema da sua tese de doutoramento (arquivo e memória), no CAV, Coimbra; Ateliers Concorde, Lisboa e Colégio das Artes, Coimbra; Galeria VPF, Lisboa; Arquivo Municipal de Fotografia, Lisboa, Museu do Chiado-MNAC, MAAT e foi editado um livro (“Unpacking: a desire for the archive”) pela StolenBooks, em 2014. Em 2015, foi publicado um livro de fotografias suas, “Partir por todos os dias”, na Editora Amieira. Já em 2016, participa no livro “Asprela”, fotografia sobre o campus universitário do Porto, editado pela Scopio Editions e Esmae/IPP.

Em 2016 é publicado o livro “Arquivo e Dispositivo” pelo Centro de Arte de S. J. da Madeira e em 2017 publica o livro “Arquivo e Intervalo”, edição Stolen Books/Colégio das Artes-Universidade de Coimbra e MAAT, com colaborações de Pedro Pousada, José Bragança de Miranda, Adelaide Ginga e Ana Rito.

Lalo de Almeida

Lalo de Almeida (1970) estudou fotografia no Instituto Europeo di Design em Milão, Itália, e começou a trabalhar como fotojornalista para pequenas agências. No Brasil, ingressou no jornal Folha de São Paulo, onde trabalhou por 27 anos enquanto produzia outros projetos documentais, incluindo O Homem e a Terra, sobre populações tradicionais brasileiras e sua relação com o meio ambiente.

A partir de 2010, produziu pequenos documentários em vídeo e narrativas multimídia criando uma série de projetos premiados internacionalmente, incluindo Um Mundo de Muros, A Batalha de Belo Monte e A Crise Climática, entre outros.

Em 2012, ganhou o XII Prêmio Marc Ferrez da Fundação Nacional das Artes para produzir um projeto sobre os impactos sociais da construção da usina hidrelétrica de Belo Monte no rio Xingu no Brasil. Seu ensaio sobre as vítimas do vírus Zika foi premiado no World Press Photo Content 2017 e o vídeo produzido ganhou o primeiro prêmio na POY Latam. Em 2021, recebeu o Eugene Smith Fund Grant e foi premiado como o fotógrafo ibero-americano do ano pela POY Latam. Em 2022, ganha o prêmio regional do World Press Photo pelo seu trabalho na Amazônia.

Laurent Hou

Nascido em 1986 em Compiègne, Laurent Hou tem sido um apaixonado pelas artes visuais desde a sua infância, com uma prática regular de desenho e pintura. Depois de estudar humanidades, especializou-se na China, onde viveu de 2011 a 2017. Foi aí que se tornou fotógrafo em 2013, com uma aprendizagem em contacto com corres-

pondentes de imprensa internacionais. A censura brutal da sua tese de geografia em 2014 fê-lo mudar completamente para a fotografia.

Começa um período de criação frenética, imerso na cena cultural subterrânea da capital chinesa, cujas festas imortaliza durante quatro anos. Ao mesmo tempo, produziu outras séries fotográficas que foram exibidas em galerias, festivais e museus. Em 2017, Laurent Hou partiu para Marrocos, onde continuou o seu trabalho como fotógrafo. Regressará a França em 2020.

Sarah Neiger é jornalista e iconógrafa desde 1988, tem trabalhado para o Libération.

Como curadora da exposição, apresentou três fotógrafos chineses no Rencontres d’Arles em 2003. Tendo-se tornado artista, ela própria desenha agora objectos com base em fotos asiáticas vintage e retomou a escrita após a publicação de uma primeira história em 2012

Lisa Kohl

Lisa Kohl nasceu na cidade do Luxemburgo em 1988. Diplomada pela Escola Superior Nacional de Artes Visuais La Cambre (Bruxelas), tem desenvolvido uma prática artística que assume várias formas: séries fotográficas, instalações escultóricas e performances em vídeo e áudio. O seu trabalho aborda os temas da fuga, exílio, dos não-lugares da vida e da sobrevivência, da invisibilidade e da ausência. Através da estética poética da imagem, ela convida-nos a refletir sobre a identidade, o cruzar de fronteiras, a esperança e a futilidade. Em 2019 usufruiu de uma bolsa para a Residência de Artistas Villa Aurora em Los Angeles, EUA. O seu trabalho fotográfico, realizado em territórios singulares na Grécia, Califórnia ou na fronteira EUA-México, foi reconhecido com diversos prémios: nomeação para o Prémio Edward Steichen (2019); recipiente do Prémio Pierre Werner (2020); Prémio StART-up Studio da Fundação Œuvre Nationale de Secours Grande-Duchesse Charlotte (2020-2021). O seu projecto ERRE foi exposto pela organização sem fins lucrativos Lèt’z Arles, na Chapelle de la Charité, com curadoria de Danielle Igniti, durante o festival Rencontres de la Photographie d’Arles em Julho de 2021.

Mafalda Rakoš

Mafalda Rakoš nasceu em Viena em 1994. Além dos estudos na Academia de Belas Artes, tem também um diploma em Estudos Culturais e Antropologia Social. Ensinou durante dois anos na Real Academia de Arte, em Haia. O seu trabalho foi nomeado e homenageado várias vezes em concursos internacionais, e exposto em museus tais como o Nederlands Fotomuseum, em Roterdão, o Benaki Museum, em Atenas e o Museu de Arte Contemporânea de Zagreb, e também noutros contextos não artísticos, como conferências médicas sobre distúrbios alimentares ou no Hospital Geral de Viena. As suas fotos foram publicadas em jornais e revistas como o Die Zeit, Volkskrant Magazin ou o Süddeutsche Zeitung Magazin e por organizações como o The Wellcome Collection. Mafalda Rakoš vive e trabalha entre Viena e Amesterdão. O seu terceiro livro de fotografia A Story to Tell (Uma história para contar) foi publicado em 2020 pela Fotohof.

Maria do Mar Rêgo

Maria do Mar Rêgo (Toulouse, 1983). Cresceu em Montemor-o-Novo. Em 2001 vai estudar para a Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, cidade que deixaria em 2007, por Arles onde estuda na École Nationale Supérieure de Photographie. Vive e trabalha atualmente em Portugal.

Começou a expôr em 2005 em galeria e fazendo intervenções no espaço público. Expôs em Portugal, Espanha, França, Bélgica e Alemanha. Nomeadamente no Museu Atlântico de Artes Moderna, em Las Palmas de Gran Canaria (2007); Igreja de São Vicente, Évora (2009); Rencontres Internationales de la Photographie,Arles (2010); Festival Les Boutographies, Montpellier (2014); Nîmes (2015); Festival PhotoEspanña (2016); Journées Internationales du Patrimoine, Paris (2016); PhotoBeijing, Pequim, (2016); Alvito (2017); Santiago de Compostela (2020); Budapeste (2020); Galeria Imago Lisboa (2021).

Foi artista residente na Casa de Velazquez (2015-2016), na Budapest Galéria (2018) e em Cuarto Pexigo, Santiago de Compostela (2019 e 2020).

Foi professora convidada na Universidade de Évora – Departamento de artes visuais e design. Cria e produz conferências e oficinas com Atelier Mina, criado em 2020.

Pedro Lobo

Pedro Lobo estudou na School of the Museum of Fine Arts, Boston e no International Center of Photography (ICP), em Nova Iorque. Entre 1978 e 1985 foi fotógrafo/investigador do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC com Aloísio Magalhães e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) onde foi o responsável pela documentação fotográfica para os processos de inclusão na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO das cidades de Olinda, Ouro Preto, Salvador, Santuário do Bom Jesus de Matosinhos e São Miguel das Missões. Em suas séries fotográficas, nas favelas cariocas – “Arquitetura de Sobrevivência” – nas prisões de Carandiru e Medellín – “Espaços Aprisionados” – utiliza a fotografia de arquitetura como meio de retratar a condição humana. Tem exposto regularmente seu trabalho, em individuais ou em colectivas, no Brasil, em Portugal, nos Estados Unidos, na Dinamarca, na Alemanha, na China e na Colômbia. Sua obra figura em diversas coleções públicas e particulares. Recebeu o V Prêmio Marc Ferrez, as bolsas CAPES-Fulbright e a Vitae de Fotografia. Atualmente reside em Borba, Portugal, trabalhando na Europa, nos EUA e no Brasil.

Rodolfo Gil

Rodolfo Gil (Lisboa, 1972)

Vive e trabalha em Lisboa.

Pós-graduado em Discursos da Fotografia Contemporânea, pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, em 2018. Licenciado em História e estudante de Filosofia. Frequentou estudos artísticos no Ar.co. Concluiu em Julho de 2022 o Curso de Projecto e Construção de um Livro no Atelier de Lisboa.

Desenvolve actividade regular em sonoplastia para várias áreas artísticas. O seu trabalho expande-se num processo multidisciplinar combinando fotografia, som e vídeo. Participou em diversas exposições, bienais e festivais desde 2014 (em Lisboa, Porto, Coimbra, Guarda, Salamanca, Atenas, Berlim, Budapeste, Londres e Nova Iorque), destacando-se: By Invitation Only, Galeria Passevite, Lisboa (2022); Outubro/Grau de Semelhança, Galeria Mute, Lisboa (2019); Voragem, Museu do Douro (2019); The Self(ie) and the Other: Portraiture, PH21 Gallery, Budapeste (2019); Interiors-Pep Exploration Project, Planet Flow Gallery, Berlim (2019); Ausente -Transversalidades, Galeria do Teatro da Guarda (2018); Ausente - NunHead ArtTrail, Londres (2017), Uma Experiência de Silêncio, Biblioteca Camões, Lisboa (2015) e participações na Bienal de Vila Franca de Xira em 2014, 2016 e 2018. Foi selecionado para as publicações Portuguese Emerging Artists em 2018, 2019 e 2020. Recebeu o 1º prémio no concurso Transversalidades, em 2018, e no concurso Douro Património Contemporâneo, atribuído pelo Museu do Douro em 2019.

Sérgio Carmenates

Sérgio Carmenates (Havana, 1986)

Vive e trabalha em Lisboa.

Nos seus estudos artísticos, frequentou os cursos: “Artes Plásticas e Fotografia” e “Edições de Fotografia, Livros de Artista e Formatos Alternativos” no Atelier de Lisboa, e terminou em Julho de 2022 o Curso de Projecto e Construção de um Livro também no Atelier de Lisboa. Tem participado em diversas exposições individuais e colectivas n’A Pequena Galeria em Lisboa, em particular “Múrmur” (2018) e “Anti-Viagem” (2019). Auto-publicou o seu primeiro livro “Diario Dell’ Anti-Viaggio” (2019) e actualmente termina o seu projecto mais recente, em formato de livro de artista.

Silja Yvette

Silja Yvette é uma artista alemã que vive e trabalha em Berlim e em Frankfurt am Main (Alemanha). Diplomou-se na Academia de Belas Artes Städtelschule, Frankfurt em 2011, tendo prosseguido estudos em arquitectura até 2010 e filosofia até 2018. Desde 2006, expõe o seu trabalho em exposições individuais e colectivas na Alemanha, desde 2011 noutros países europeus e em 2016 em Pequim. Em 2020, participou em exposições em galerias em Paris e no Festival Imago Lisboa. A sua primeira monografia Season of Admin (Época da Admin) foi publicada pela Kerber Verlag em 2017 e incluída na “Lista Longa dos Mais Belos Livros Alemães de 2018” do Stiftung Buchkunst (Frankfurt/ Leipzig). A sua segunda monografia Collective Creatures (Criaturas Colectivas) foi publicada em 2019 pela Hatje Cantz e ganhou a medalha de prata no prestigioso Deutscher Fotobuchpreis 19/20 (Prémio Livro de Fotografia Alemão). Em 2019, foi nomeada para o prestigioso prémio Edward Steichen Award (LU)..

Silvy Crespo

Silvy Crespo é uma fotógrafa franco-portuguesa. Após ter trabalhado alguns anos como advogada, Silvy estudou fotografia na Academia Real de Belas Artes da Haia onde recebeu o seu Bachelor of Arts. Com interesse em projetos documentais que abordem questões relacionadas com o pós-colonialismo e as estruturas imperialistas de poder, Silvy tem desenvolvido projetos focando sobre o conceito de extração de recursos humanos e naturais. O seu trabalho já fez parte de várias exposições coletivas. Em 2020, o seu projeto *The Lands of Elephants* foi publicado em várias revistas e plataformas digitais. Foi vencedora do prémio Paul Schuitema 2020 e finalista dos prémios *Blurring The Lines* e *Photoworks Photography+ Graduates*. O seu trabalho será apresentado durante a edição 2022 da *Biennale Für Aktuelle Fotografie* na Alemanha.

Smita Sharma

Smita Sharma é uma fotoperiodista baseada em Deli, que se foca em questões de género, crimes sexuais e tráfico humano no Sul Global, através de reportagens visuais de longo formato. É bolseira e palestrante TED e bolsiera repórter da *International Women’s Media Foundation* (IWMF). Smita está empenhada na representação digna das pessoas, e as suas imagens viscerais foram já publicadas em vários meios de comunicação, incluindo o *New York Times*, *BBC World*, *Wall Street Journal*, *TIME* e *National Geographic Magazine*. O seu trabalho foi exposto em exposições de alcance global, incluindo na sede das Nações Unidas em Nova Iorque. Foi galardoada com prémios da *Amnistia Internacional*, do *Las Fotos Project*, *One World Media UK*, *Women Economic Forum* e *Fetisov Journalism..*

Tariq Zaidi

Tariq Zaidi é um fotógrafo independente. Em 2014, abandonou uma posição de gestão executiva numa empresa de eventos para seguir a sua paixão - capturar a dignidade, a força e a alma das pessoas no seu próprio ambiente. Trabalhou em 22 países, sobretudo países em desenvolvimento, espalhados por 4 continentes. O seu trabalho foi exposto em mais de 85 exposições e publicado internacionalmente mais de 1000 vezes em revistas, na Internet ou na televisão em mais de 90 países incluindo no *The Guardian*, *BBC*, *CNN*, *National Geographic*, *Washington Post*, *Newsweek*, *Der Spiegel*, *Stern*, *El Pais*, *GEO*, *Los Angeles Times*, *Smithsonian Magazine*, *Chicago Tribune*, *Sued-deutsche Zeitung*, *Sydney Morning Herald*, *Internazionale*, *VICE*, *Corriere della Sera*, *The Independent*, *The Telegraph* e *The Times of London* entre outros títulos internacionais respeitados.

Zaidi foi galardoado com vários prémios prestigiosos, incluindo *Pictures of the Year International* (POYI), *Prémio Melhor do Fotoperiodismo da National Press Photographers Association* (NPPA), *UNICEF Foto do Ano*, *Bolsa Marty Forscher Fellowship Fund para Fotografia Humanista* (Parsons School of Design), *Prémio de Fotografia Internacional* e *PDN Photo Annual*. Em 2020, Tariq ganhou o primeiro lugar na categoria de *Fotoperiodismo* pelo seu

trabalho em El Salvador nos prémios da *Amnistia Internacional 2020 Media Awards* em reconhecimento da sua dedicação ao tema dos direitos humanos.

Zaidi é representado pela *Zuma Press* (USA), *Caters News Agency* (UK) e pela *Getty Images* (UK). É um fotógrafo autodidata com um mestrado no *University College London*. O seu trabalho foca-se em documentar problemas sociais, desigualdade, tradições e comunidades em risco em todo o mundo.

O seu primeiro livro “*Sapeurs: Ladies and Gentlemen of the Congo*” (“*Sapeurs: Senhoras e Senhores do Congo*”) foi publicado em Setembro de 2020. O livro foi selecionado pela *Pictures of the Year International* como um dos “*Livros Fotográficos do Ano*” e também pela *Vogue* como um dos “*Melhores Livros de Moda do Ano*”. O livro já vai na sua segunda edição.

O seu segundo livro “*Sin Salida*” (“*Sem Saída*”) foi publicado pela *GOST Books*, Reino Unido em Outubro de 2021. Em Março de 2022, o seu trabalho em El Salvador foi reconhecido pela *Pictures of the Year International* na categoria de “*World Understanding Award*”.

The Art of Rage

Rage é um artista alemão, natural de Hamburgo e com ampla presença internacional a nível da arte urbana. Em 1998 o artista descobriu o seu fascínio não só pelas artes visuais como também pela arte como expressão máxima de desobediência e inconformismo. Há mais de 25 anos que Rage encontra no graffiti e na arte urbana o seu território criativo. Trabalhando sozinho ou em colaboração com outros artistas, tem vindo a explorar os comboios como elemento urbano de eleição e como substrato da sua narrativa visual. Rage transgride e explora as fronteiras do graffiti, da tipografia e das artes plásticas. As suas intervenções são a expressão e extensão da luta contra normas sociais convencionais, uma forma de protesto contra o sistema sob a forma de propostas visuais inesperadas e efémeras.

Vlad Sokin

Vlad Sokhin (Rússia/Portugal) é um fotógrafo documentarista premiado, baseado em Libreville, no Gabão. Interessa-se sobretudo por questões ambientais, culturais e de direitos humanos no mundo inteiro, com destaque para áreas devastadas por conflitos ou desastres naturais. Trabalhou em projetos em suporte fotográfico, vídeo e rádio, tendo colaborado com vários meios de comunicação e ONG internacionais, bem como com as Nações Unidas. O seu trabalho já foi publicado e exposto em todo o mundo, incluindo nos festivais *Visa Pour L’Image* e *Head On Photo* e nas publicações *National Geographic*, *International Herald Tribune*, *Newsweek Japan*, *BBC World Service*, *The Guardian*, *National Geographic Traveler*, *GEO*, *ABC*, *NPR*, *The Atlantic*, *Stern*, *Le Monde*, *Paris Match*, *Esquire*, *Das Magazin*, *WIRE*, *Amnesty International*, *Sydney Morning Herald*, *Marie Claire*, *The Global Mail*, *Público* e outros.

Vlad é representado internacionalmente pela *Panos Pictures*.

BIOGRAPHIES

Alexandre Delmar

Alexandre Delmar (Porto, 1982) lives and works between the city of Porto and the village of Lagoa, in Trás-os-Montes.

In 2005 he finished his Bachelor’s Degree at *Escola Superior Artística* do Porto and in 2007 he graduated in *Audiovisual Communication Technologies* at *ESMAE*.

He was artist in residence at *Open Studios* in Prague (Czech Republic) at *Frauga-XVI Encontros da Primavera* in Picote. He received a scholarship from *Fundação Oriente* (Kolkata, India), from the *Criatório do Porto* competition and from the *Porto Design Biennale* satellite activities program. He was one of the artists awarded at the *XXI Cerveira International Art Biennial* with “*A Fala das Cabras e dos Pastores*”. In 2021, he created *A Recoletora*, together with Maria Ruivo, and published, in co-authorship, the book “*Notes From The Underdog*” by *Spector Books*.

Ana Paganini

Ana Paganini (Lisbon, 1995)

Studied cinematography and film direction at the *London College of Communication* from 2014 to 2018. Studied photography at *Atelier de Lisboa* since 2020, having completed in July 2022 the *Project Course on Design and Construction* of a *Photobook*

While in London, she developed backstage work in *West End* theaters and did scene photography for films. It was at that time that she deepened the documentary photography that characterizes her work and is today its signature. Her most recent works perpetuate this same way of photographing that is transversal to the various themes that arouse her curiosity: memory, identity and belonging, clearly visible in ana Paganini’s projects. She offers the viewer an intimate connection with the image through the empathy that characterizes her way of photographing. She looks for deep blacks and a faint light that illuminates only what is necessary, like *Renaissance* paintings.

From the individual exhibitions she has held, the following stand out: *Velharias Morais*, *Espaço Cultural Mercês*, Lisbon (2021) and *Reflexos de Mateus* at the *Casa de Mateus Foundation* (2007). Of the group exhibitions in which she participated, the following stand out: (*Flight to Paradise*) at *Casa Independente*, Lisbon (2019), *Then There Was Us*, *Manchester* (2019) and *Doomed Gallery*, London (2016), and *Mostra* (2020), Lisbon. More recently, she began to materialize projects in book form, and has produced two models: *Velharias Morais* (2021) and *The Happy Hermits* (2022).

António Carrapato

António Carrapato (Reguengos de Monsaraz, 1966) studied photography at *ArCo* (Lisbon) and started his career as a photographer in the 1990’s, photographing for Portuguese newspapers, especially in Alentejo for the newspaper *Público*. In parallel, he has developed his work of authorial photography.

In 2009, he participated in the project *Estação Imagem* (*Station Image*), of which he is a co-founder. He has been

involved in several initiatives and events, such as *Foto Fest* (Copenhagen, 2013), *RISO* exhibition at *Fundação EDP* (Lisbon, 2013), *The Évora Group* exhibition at the *Pequena Galeria* (Lisbon, 2013). He exhibited his work at the exhibitions *Na’vejejo* (*Fábrica Braço de Prata*, Lisbon) in 2015, at 1013 Anos (*Évora Museum*), *Módulo Gallery* and *Encantamento* in 2016, at the *Inauguro#54* (*Viana do Castelo*) in 2017, *Claustrofonia* exhibition at *Convento dos Remédios* (*Évora*) in 2018, at *27/27* at *Praça do Sertório* (*Évora*) in 2020, and at *Séufonia* (outdoor music at the *Évora Cathedral*), in *Rua 5 de Outubro* in 2021. His work is featured in several publications such as *Planeta Ovibeja* (2008), *Arte* at the *Fundação Luso-Brasileira* (2007) and *Extensão do Olhar* (*Extension of Gaze*), an anthology of Portuguese contemporary photography (2005) by the *PLMJ Foundation*. In the rural territory of Alentejo and in urban areas around the globe, Carrapato uses his powers of observation to create a visual universe where the relationship between man and his environment reveals subtle ironies and absurd coincidences.

António Cunha

In Beja, on the wide and fertile plains, rich in wheat fields and horizons, António Cunha came to the world and the light of Alentejo. Dazzled by that light, he was born to photography in 1980, and has, since then, been involved in several different areas, namely, history, archeology, museology, ethnography and photojournalism.

Authentic and deeply “alentejano”, albeit a world wanderer, he has made photographic reports in Portugal, Azores, Spain, France, Morocco, Peru, Bolivia, Chile, Belgium, Corsica, Sweden, Finland, Norway, Canada, USA, Kenya, Greece, Czech Republic, India, Maldives, Zanzibar (Tanzania), Italy, Tunisia, England, Brazil, Vietnam, Syria, Japan and Iran.

His work has been shown in many photographic exhibitions, both individual and collective, in Portugal and abroad, namely in Lisbon, Coimbra, Evora, Porto, Beja, Mértola, Monsaraz, Moura, Serpa, Abrantes, Sines, Setúbal, Estremoz, Frankfurt, Toronto, Arles, The Hague, Strasbourg, Brussels, Morocco and Corsica.

He was a bursary of the *Calouste Gulbenkian Foundation* (from August 1989 to October 1992), charged with carrying out a photographic survey of industrial archeology in the *S. Domingos* mines (Alentejo), in partnership with the *Mértola Archeological Field*. He worked as field photographer for ethnomusical surveys with *Michel Giacometti*, between 1986 and 1990.

Augusto Brázio

Augusto Brázio (Brinches, Serpa, 1964) studied at the *Escola Superior de Belas Artes*, in Lisbon.

He has been publishing regularly since the 1990s, having published several books in the area of photography. He was awarded first prize in the *Photojournalism Visão / BES* contest in 2008.

He was a member of the *Kameraphoto Collective* (2003-2014) and one of 13 Portuguese photographers selected to feature in the television program *Entre Imagens* by RTP. His work has been exhibited in Lisbon, Porto, Paris, Brussels, Budapest, among others.

More recently, he has focused on personal projects, where he reflects on issues such as migration, belonging and ter-

ritorial settlement.

His work is present in several collections, namely: Coleção de Fotografia do Novo Banco, Centro de Artes Visuais Coimbra, Fundação PLMJ, Encontros da Imagem de Braga, Fundação EDP, Centro de Artes de Sines, Coleção Norlinda and José Lima. He is represented by Galeria das Salga-deiras since 2012.

Carlos Lobo

Carlos Lobo (Guimarães, 1974) is a photographer, editor, musician, film maker, ... disciplines that intertwine and complement each other, defining a personal universe where countless themes and interests are mixed and mutually influenced. It is as if the author rebelled against the establishment of a single formal language, instead seeking a constant reinvention of his work, whose themes range from landscape, portrait to still lives.

Cláudia Florêncio

Cláudia Florêncio (Lisbon, 1979)

Studied and works in health and sustainability.

She completed APAF photography professional course in 2014 and started her artistic studies at Atelier de Lisboa in 2019. Having completed the Project Course with Daniel Malhão in 2020 and the Project Course on Design and Construction of a Photobook with Bruno Pelletier Sequeira in July 2022.

Of the group exhibitions in which she participated, the following stand out: The Worst-Case Scenario, Atelier de Lisboa, as part of Imago Lisboa 2020; Nothing but time, Nunhead Art Trail at the Green Community Center, London, 2017; Seeds of Change, Stockholm Resilience Center, 2016; Caught in Nets, Livraria dos Coruchéus, Lisbon, 2016. Cláudia Florêncio has two books published (Nothing but time and A Post-Travel Journal) as part of the Fragma Collective. And presents at this exhibition her two new projects in book format. As an author, she works mainly in documentary photography, being focused in social and environmental issues with the aim of raising public awareness, and more recently also about maternity and family.

Dayan de Castro

Dayan de Castro (b. 1985) is a visual artist, born in the interior of the state of Minas Gerais (Brazil). He currently lives and works in São Paulo (Brazil). He has a MFA and is completing a PhD in Visual Arts at the Universidade Estadual de Campinas. He has a graduate degree in Photography and has been developing authorial photography projects since 2008. In his projects, he is always guided by philosophy, literature, and the analysis of contemporary society. In each project, he searches for the support that will provide it with more substance. Thus, he has worked with different media such as: video, installation, photography applied to metal and historical processes developed in marble and wood. His works have been exhibited internationally: in 2018, “Sibila” was exhibited in a train station in Pinheiros, São Paulo (Brazil); “What’s going on in Brazil” at the Rencontres de la Photographie d’Arles (France); in 2021, “Exposição Compartilhada” in Encontros Visuais Na Esquina do Brasil, in Natal; and in 2022, “Diversidade Brasileira” at the Chengdu Contemporary Image Museum (China).

Deanna Pizitelli

Deanna Pizzitelli (b. 1987) is a Canadian artist and educator. She completed her BFA at Ryerson University (CA), and her MFA at the University of Arizona (US). Pizzitelli’s Koža, Women & Other Stories is one of 10 projects of Les Rencontres d’Arles: Louis Roederer Discovery Award 2020 (FR). She was selected for the Jury’s Choice of the 2020 Prix Virginia (FR), and is a recipient of the 2018 Scotiabank New Generation Photography Award (CA). Pizzitelli has attended residencies in Canada, Iceland, Portugal, Germany, Finland and Sweden. She was awarded the Residency Bursary at Landskrona Foto, as part of the 2021 PhMuseum Photography Grant. Pizzitelli is represented by Stephen Bulger Gallery in Toronto (CA). Her work is in the collections of the Archive of Modern Conflict (UK) and the Center for Creative Photography (US). She currently lives in Bratislava (SK).

Donna Ferrato

Donna Ferrato is an internationally acclaimed photojournalist known for her groundbreaking documentation of the hidden world of domestic violence. Her seminal book *Living With the Enemy* (Aperture, 1991) went into four printings and, alongside exhibitions and lectures across the globe, sparked a national discussion on sexual violence and women’s rights. In 2014, Ferrato launched the I Am Unbeatable campaign to expose, document, and prevent domestic violence against women and children through real stories of real people. Ferrato has contributed to almost every major news publication in the country, and her photographs have appeared in nearly five hundred solo exhibitions in museums and galleries worldwide. She has been a member of the Executive Board of Directors for the W. Eugene Smith Fund and was president and founder of the non-profit Domestic Abuse Awareness Project (501-c3). She has been a recipient of the W. Eugene Smith Grant, the Robert F. Kennedy Award for Outstanding Coverage of the Plight of the Disadvantaged, the IWMF Courage in Journalism Award, the Missouri Medal of Honor for Distinguished Service in Journalism, Artist of the Year at the Tribeca Film Festival, and the Look3 Insightful Artist of the Year. In 2008, the City of New York proclaimed October 30 “Donna Ferrato Appreciation Day,” and in 2009, she was honored by the judges of the New York State Supreme Court for her work advancing gender equality. In 2020, Ferrato was chosen as one of the Hundred Heroines by the British Arts foundation, Hundred Heroines.

Her new book, *Holy*, published in 2020 by powerHouse Books, is a call to action. It proclaims the sacredness of women’s rights and their power to be masters of their own destiny.

Filippo Zambon

Filippo Zambon - born in Florence, studied Art History at the University of Florence. After working as assistant for a war photographer, he moved to Helsinki where graduated in 2014 as Master of Fine Arts with major in Photography at the University of the Arts of Helsinki. His works have been exhibited in galleries and museums around Europe and published on magazines and photography reviews worldwide. His works are found in several collections such as the Hasselblad Foundation in Gothenburg, The Finnish

Photography Museum, The Tuscany Photographic Archive, the Paulo Foundation in Helsinki, as well as private collections in Europe.

His first monograph “The Komi diary”, published by Lecturis, was awarded in 2018 as the photo book of the year in Finland. His second book “Short Cut” was published in 2021.

At the moment he is working as an artist photographer and photography lecturer in several institutions.

Flávio Andrade

Flávio Andrade (born 1964) is a Portuguese photographer and visual artist, based in Portugal. He has published five books: *Isolation* (2021), *Nubes* (2018), *Vago* (2017), *Déjà vú* (2017) and *Circle of life* (2017). His works are part of public and private collections; he has exhibited his work regularly since the 1990s. In 2017, he founded the publishing house FlankusBooks. He studied social communication at ESE, photography at Ar.co and at Cenjor, and more recently, took the course “Seeing Through Photographs” offered by New York’s MoMA. He taught photography for ten years (2003-2013) at the Portuguese Catholic University, where he co-taught *Photography: Theory and Practice*. He is an instructor of analog and digital photography, and photojournalism.

Gui Christ

Gui Christ is a photographer whose main focus is on the social and cultural peripheries of Brazil, both in his authorial projects and in his work for the main international media such as Time Magazine, The National Geographic Magazine, The Washington Post, Billboard and others. His work blends the narrative styles of photojournalism with a strong authorial language and a creative approach, breaking away with traditional visual patterns. That is why his first two books, “Marrocos” (“Morocco”), in collaboration with the Gringo collective, and “Fissura” (“Fissure”), were indicated as two of the best photobooks of Latin America. In 2019, Gui was nominated by the German magazine “European Photography”, in its special 40th anniversary issue, as one of the best documentary photographers of his generation. In 2020, he was the first Brazilian to receive a National Geographic Society scholarship, with a view to documenting the Covid-19 pandemic in Brazil, and in 2022, he was awarded a grant by the Pulitzer Center for the documentation of the Amazonian rainforest

Guillaume Pietri

Guillaume Pietri (1975, Paris)

Lives in Lisbon, where he combines his projects as a photographer, and his work as a commercial diver.

Prior to turning professionally to the sea, initially as a skipper, and then as a commercial diver, Guillaume Pietri completed a degree in philosophy in Paris.

With so much time spent at sea, his interest gradually turned to the lives of others within the city and questioned the situation of humans in the concentrated universe of urban living in general, and public spaces in particular. He started his studies at Atelier de Lisboa in 2020, having completed in July 2022 the Project Course on Design and Construction of a Photobook.

Hannah Kozak

Hannah Kozak was born to a Polish father and a Guatemalan mother in Los Angeles, California. At the age of ten, she was given a Kodak Brownie camera by her father, Sol, a survivor of eight Nazi forced labor camps and began instinctively capturing images of dogs, flowers, family and friends that felt honest and real. While working in a camera store at the age of twenty, Hannah’s life changed when she met a successful stuntwoman named Victoria Vanderkloot who became her mentor and helped her start a career in stunts. Hannah has turned the camera on herself, her life and her world. She continues to look for those things that feel honest and real, using her camera as a means of exploring feelings and emotions. After decades of standing in for someone else, she now is in control of her destiny and vision.

Hannah creates psychological and autobiographical photographs. Her subjects are the people and places that touch her emotionally. She has been photographing people and places for nearly five decades. Photography has the power to heal and to help us through difficult periods, something Hannah Kozak knows first hand from personal experience.

“I use my camera as a means of exploring my feelings and emotions. My photos are my emotional predicaments. When someone allows me to photograph them, they give me a piece of themselves that I can forever hold onto. In moments of melancholic desire and solitude, I can feel them again from the connection of our photos. My photographs are direct, honest and without pretense.

Harri Pälviranta

Harri Pälviranta (born 1971, Finland) is a photographic artist and researcher. He holds a Doctor of Arts degree in photography from the Aalto University School of Arts, Design and Architecture in Helsinki (2012) and MA in Media Studies from the University of Turku (2005).

Recently his works has been included in exhibitions at the Fotomuseum Winterthur (Switzerland), Benaki Museum in Athens (Greece), Kunst Haus Wien (Austria), Helsinki City Museum (Finland) and Deichtorhallen, Haus der Photographie (Hamburg, Germany), and solo shows at Gallery H2O in Barcelona (Spain) and the Latvian Museum of Photography in Riga (Latvia). To name some achievements from the past, in 2007 he won the PhotoEspaña Descubrimientos award and in 2010 he was awarded the LeadAwards prize in Hamburg. In 2020, he was awarded with a four-year full working grant by the Finnish Cultural Foundation (2020-2023).

At the core of Pälviranta’s artistic curiosity are issues relating to violence and masculinity, and often in his works he bridges these two themes. What is noteworthy is that he understands both of these concepts through their wide definitions. Like Slavoj Žižek, Pälviranta sees violence as a diverse practice: it can be seen as subjective and objective, and it can take both symbolic and systemic forms. Connected to this, his comprehension of masculinity is also layered: masculinity can be seen as culturally encoded and performed and renewed in commonplace practices. Theoretically much of his work falls into practice that can be categorized as documentary. However, in Pälviranta’s use documentary does not only refer to classical documentaries, his work rather activates critical practices within post-documentary discourse. In his most recent finished projects, he connects with archival practices and uses doc-

umentary as a term also referring to materiality of the image.

José Maçãs de Carvalho

Born in Anadia, Portugal, in 1960.

After obtaining a first degree in Modern Languages and Literature (Coimbra University, Portugal), he completed a postgraduate course in Management of the Arts (Institute of European Studies in Macau, 1998) in Macau where he taught and lived from 1994 to 1999. He obtained a Phd in Contemporary Art at Colégio das Artes, University of Coimbra, Portugal, in 2014.

He teaches at the University of Coimbra, in the Architecture Department and Colégio das Artes where he is the Supervisor of the Master degree in Curatorship. Since 2020 he is the curator of the Coimbra Contemporary Art Center.

He has received scholarships from Fundação Gulbenkian (1994), Fundação Oriente (1999-2001), Instituto Camões (2001) and Centro Português de Fotografia (2003). He has works (photographs and videos) in several public and private art collections .

He was both curator and participant in the exhibition My own private pictures (Plataforma Revólver, LisbonPhoto Biennial, 2005), which lay at the origin of his nomination for the BES Photo Prize in 2005 (most important prize for photography in Portugal).In 2008 was shortlisted for the Pictet Prix (Suisse Bank Award for Photography).

He’s been showing photography since the early 90s and video since the 2000s. In 2013 showed videos in New York and Paris (“Fuso NY”, Union Square Park, and “Chantiers d’Europe”, Theatre de la Ville), and in 2011 in Oslo (“When a painting moves...something must be rotten!”, Stenersen Museum). Between 2011 and 2017 set up seven exhibitions as a practical project for his doctoral programme around the subject of archive and memory at CAV, Coimbra; Ateliers Concorde, Lisbon and Colégio das Artes, Coimbra; VPF gallery, Lisbon; The City Hall Photographic Archive, Lisbon, Museu do Chiado and MAAT Museum in Lisbon and a book, “Unpacking: a desire for the archive”, was published by StolenBooks. In 2015, a book of photographs, “Partir por todos os dias”, was published by Editora Amieira. In 2016 his photographic work about Oporto university campus was published on a book called “Aspe-la” by Scopio Editions and Oporto Polytechnic Institute. In 2016 the book “Archive and Apparatus” was published by Centro de Arte de S. J. da Madeira and in 2017 also the book “Archive and Interval”, by Stolen Books/Colégio das Artes-Universidade de Coimbra and MAAT Museum, with contributions by Pedro Pousada, José Bragança de Miranda, Adelaide Ginga and Ana Rito.

Lalo de Almeida

Lalo de Almeida (b. 1970) studied photography at the Istituto Europeo di Design in Milan (Italy) and started his career working as a photojournalist for small agencies. In Brazil, he joined the newspaper Folha de São Paulo, where he worked for 27 years while also producing documentary projects, including O Homem e a Terra (Man and Land), about Traditional Brazilian Peoples and their relationship to the environment.

Form 2010 onwards, he has been producing short video

documentaries and multi-media narratives, some of which have received international awards, such as Um Mundo de Muros (A world of walls), A Batalha de Belo Monte (The Battle of Belo Monte) and A Crise Climática (The Climate Crisis), among others.

In 2012, he was awarded the XII Marc Ferrez Prize by the National Foundation for the Arts with a view to producing a project about the social impact of the construction of the hydroelectric plant of Belo Monte, in the Xingu River in Brazil. His essay on the victims of the Zika virus was awarded a prize at the World Press Photo Content 2017 and the video won first prize at POY Latam. In 2021, he was awarded the Eugene Smith Fund Grant and he was elected Latin-american photographer of the year by POY Latam. In 2022, he won the regional World Press Photo award for its work in Amazonia.

Laurent Hou

Laurent Hou is mixed-blood photographer of French and Chinese ancestry. Born in France on 1986, he gets passionate about visual arts at a very young age and learns drawing and painting. After human sciences studies, he specializes about China in 2008, where he permanently lives from 2011 to 2017. He picks up photography in the middle kingdom in 2013, learning from established photojournalists. The sudden censorship of his PhD thesis in 2014 is a turning point : he then decides to become a professional photographer.

A period of frantic creativity ensues, immersed in Beijing’s underground culture and nightlife. During four years, Laurent immortalizes these nights. At the same time, he works on different photography projects which got exhibited in galleries, festivals and museum. In 2017 he leaves China for Morocco where he keeps on developing his photography career. In 2020 he settles back in France.

Lisa Kohl

Lisa Kohl was born in Luxembourg City in 1988. As a graduate of the National School Superior of Visual Arts La Cambre (Brussels), she has developed an artistic practice which takes on various shapes: photographic series, sculptural installations, video and sound performances. Her work speaks of flight, exile, the non-places of life and survival, invisibility and absence. Through the poetic aesthetics of the image, she invites us to reflect on identity, the crossing of boundaries, hope and futility. In 2019 she was a scholarship holder at the Artists Residence Villa Aurora in Los Angeles, USA. Realised in unique territories in Greece, California or at the Mexican Border, her photographic work has been recognised by several awards : nomination for the Edward Steichen Award (2019) ; winner of the Pierre Werner Award (2020), StART-up Studio Award of the Fondation de l’Œuvre Nationale de Secours Grande-Duchesse Charlotte (2020-2021). Curated by Danielle Igniti, the non-profit Lët’z Arles showed Lisa Kohl’s project ERRE, at the Chapelle de la Charité, during the Rencontres de la Photographie d’Arles in July 2021.

In 2022, Lisa Kohl received a scholarship for a six-month residency at the Künstlerhaus Bethanien in Berlin (funded by Kultur | lx – Arts Council Luxembourg).

Mafalda Rakoš

Mafalda Rakoš was born in Vienna in 1994. In addition to her studies at the Academy of Fine Arts, she earned a degree in Cultural and Social Anthropology. She then moved to the Royal Academy of Art in The Hague, where she taught for a couple of years. Her work has been nominated and honored several times at international awards, exhibited in museums such as the Nederlands Fotomuseum, Rotterdam, Benaki Museum, Athens and the Museum of Contemporary Art in Zagreb, as well as shown outside an art context at conferences on eating disorders or at the General Hospital in Vienna. Publications such as Die Zeit, Volkskrant Magazin or Süddeutsche Zeitung Magazin and organizations such as The Wellcome Collection have published her images. Mafalda Rakoš lives and works between Vienna and Amsterdam, her third photo book A Story to Tell was published in 2020 by Fotohof.

Maria do Mar Rêgo

Maria do Mar Rêgo (Toulouse, 1983) grew up in Montemor-o-Novo (Portugal). In 2001, she moved to Barcelona to study at the Faculty of Arts of the University of Barcelona, and in 2007 she moved to Arles, where she studied at the École Nationale Supérieur de Photographie. She currently lives and works in Portugal.

She started exhibiting in 2005 in galleries and public spaces. Her work has been exhibited in Portugal, Spain, France, Belgium and Germany, namely: in the Museu Atlântico de Artes Moderna, Las Palmas de Gran Canaria (2007); São Vicente church, Évora (2009); Rencontres Internationales de la Photographie, Arles (2010); Les Boutographies Festival, Montpellier (2014); Nîmes (2015); PhotoEspaña Festival (2016); Journées Internationales du Patrimoine, Paris (2016); PhotoBeijing, Beijing (2016); Alvito (2017); Santiago de Compostela (2020); Budapest (2020); Imago Gallery Lisbon (2021).

She was a resident artist at the Casa de Velázquez (2015-2016), at the Budapest Galéria (2018) and at Cuarto Pexigo, Santiago de Compostela (2019 and 2020). She was a visiting scholar at the University of Évora – Department of Visual Arts and Design. She creates and produces conferences and workshops together with Atelier Mina, founded in 2020.

Pedro Lobo

Pedro Lobo studied at the School of the Museum of Fine Arts in Boston and at the International Center of Photography (ICP) in New York. From 1978 to 1985 he worked as photographer and researcher for the National Center for Cultural Reference (CNRC), in Brazil, with Aloísio Magalhães, and for the Institute for National Historical and Artistic Heritage of Brazil (IPHAN), where he was responsible for the photographic documentation in the classification process by UNESCO of the cities of Olinda, Ouro Preto, Salvador, Santuário de Bom Jesus de Matosinhos and São Miguel das Missões as World Heritage sites. In his photographic series about Brazilian favelas (“Architecture of Survival”), and about the prisons of Carandiru and Medellín (“Imprisoned Spaces”), Pedro Lobo uses architecture photography to portray the human condition. He has participated in solo shows and group exhibitions in museums and galleries in Brazil, Portugal, the USA, Denmark, Germany, China and Colombia. His work can be

seen in several museums and private collections. He is a CAPES-Fulbright scholar and has received the V Premio Marc Ferrez award, and the Vitae Photography scholarship. He now lives in Borba, Portugal, and works both in Europe, the US and in Brazil.

Rodolfo Gil

Rodolfo Gil (Lisbon 1972)

Lives and works in Lisbon

Studied Philosophy and History. In his artistic training attended the Contemporary Photography graduation at the Faculty of Fine Arts of Lisbon, and artistic studies at Ar.Co. In July 2022, he concluded in July 2022 the Project Course on Design and Construction of a Photobook.

He is also a sound designer, having worked in theater, dance, cinema and documentary. His artistic practice develops in a multidisciplinary process, combining photography, video and sound. He has participated in several exhibitions and festivals since 2014, (in Lisbon, Porto, Coimbra, Guarda, Salamanca, Athens, Berlin, Budapest, London and New York), notably: By Invitation Only, Galeria Passevite, Lisboa (2022); Outubro/Grau de Semelhança, Galeria Mute, Lisbon (2019); Voragem, Museu do Douro (2019); The Self(ie) and the Other: Portraiture, PH21 Gallery, Budapest (2019); Interiors/Pep Exploration Project, Planet Flow Gallery, Berlin (2019); Ausente - Transversalidades, Galeria do Teatro da Guarda (2018); Ausente - NunHead Art Trail, London (2017), Uma Experiência de Silêncio, Biblioteca Camões, Lisbon (2015) and participations in the Bienal de Vila Franca de Xira (2014, 2016 e 2018). He was selected for the Portuguese Emerging Artists publications in 2018, 2019 and 2020. He received the 1st prize in the Transversalidades festival competition, in 2018, and in the Douro Contemporary Heritage Competition, attributed by the Douro Museum in 2019.

Sérgio Carmenates

Sérgio Carmenates (Havana, 1986)

Lives and works in Lisbon.

In his artistic studies, he attended the courses: “Plastic Arts and Photography” and “Photo Editions, Artist Books and Alternative Formats” at Atelier de Lisboa, and in July 2022 he finished the Project Course on Design and Construction of a Photobook, also at Atelier de Lisboa.

He has participated in several individual and group exhibitions at A Pequena Galeria in Lisbon, in particular “Múrmur” (2018) and “Anti-Viagem” (2019). He self-published his first book “Diario Dell’ Anti-Viaggio” (2019) and is currently finishing his most recent project, an artist book.

Silja Yvette

Silja Yvette is a German artist who lives and works in Berlin and Frankfurt am Main (Germany). She graduated from the Academy of Fine Arts Städelschule, Frankfurt in 2011 and added studies in architecture until 2010 and philosophy until 2018. She has been exhibiting works in individual and group shows in Germany since 2006, since 2011 in other European countries and in 2016 in Beijing. In 2020, she was featured in gallery exhibitions in Paris and at the Imago Lisboa Photo Festival 2020. In 2017 her first monograph Season of Admin was published at Kerber Verlag and was selected for “Longlist of Most Beautiful German

Books 2018” of Stiftung Buchkunst (Frankfurt/ Leipzig). With *Collective Creatures* her second monograph followed and was published in 2019 by Hatje Cantz which won silver at the renowned Deutscher Fotobuchpreis 19/20 (German Photobook Award). In 2019, she was nominated for the prestigious Edward Steichen Award (LU)

Silvy Crespo

Silvy Crespo is a French-Portuguese photographer. After working for several years as a lawyer, Silvy studied photography at the Royal Academy of Arts of The Hague where she graduated from a Bachelor of Arts. Interested in documentary projects dealing with post-colonialism and imperial structures of power, Silvy has been developing projects focusing on the concept of extraction of human and natural resources. Her work has been part of various group exhibitions. In 2020, her project *The Land of Elephants* has been published in different outlets and digital platforms. She received the 2020 Paul Schuitema Award and was a finalist of *Blurring The Lines* and *Photoworks Photography Graduates* awards. Her work will be part of the 2022 edition of the *Biennale Für Aktuelle Fotografie* in Germany.

Smita Sharma

Smita Sharma is a Delhi-based photojournalist who has documented gender issues, sexual crimes and human trafficking in the Global South through long-form visual narratives. She is a TED fellow and speaker and an International Women’s Media Foundation (IWMF) reporting fellow. Smita is committed to representing people with dignity and her visceral images have been published in a range of outlets, including the *New York Times*, *BBC World*, *Wall Street Journal*, *TIME* and *National Geographic Magazine*. Her work has also been exhibited and shown globally, including at the UN Headquarters in New York. She is the recipient of awards from Amnesty International, the *Las Fotos Project*, *One World Media UK*, *Women Economic Forum* and *Fetisov Journalism*.

Tariq Zaidi

Tariq Zaidi is a freelance photographer. In 2014, he gave up an executive management position in an events business to pursue his passion of capturing the dignity, strength and soul of people, within their own environment.

He has worked in 22 countries across four continents, mainly in the developing world. His work has been shown in over 85 exhibitions and featured internationally over 1000 times in magazines, online or on television in more than 90 countries including *The Guardian*, *BBC*, *CNN*, *National Geographic*, *Washington Post*, *Newsweek*, *Der Spiegel*, *Stern*, *El Pais*, *GEO*, *Los Angeles Times*, *Smithsonian Magazine*, *Chicago Tribune*, *Sueddeutsche Zeitung*, *Sydney Morning Herald*, *Internazionale*, *VICE*, *Corriere della Sera*, *The Independent*, *The Telegraph* and *The Times of London* among other respected international titles.

Zaidi’s work has been recognised with a number of prestigious awards, including *Pictures of the Year International (POYi)*, the *National Press Photographers Association’s (NPPA) Best of Photojournalism Awards*, *UNICEF Photo of the Year*, the *Marty Forscher Fellowship Fund for Humanistic Photography (Parsons School of Design)*, the *International Photography Awards* and the *PDN Photo Annual*. In

2020, Tariq was awarded first place in the *Photojournalism Category* for his work on El Salvador by *Amnesty International’s 2020 Media Awards* in recognition of his commitment to human rights.

Zaidi is represented by *Zuma Press (USA)*, *Caters News Agency (UK)* and *Getty Images (UK)*. He is a self-taught photographer with an MSc from *University College London*. His photography focuses on documenting social issues, inequality, traditions and endangered communities around the world.

Zaidi’s first book “*Sapeurs: Ladies and Gentlemen of the Congo*” was published in September 2020. The book was selected by *Pictures of the Year International* as one of the “*Photography Books of the Year*” and also by *Vogue* as one of the “*Best Fashion Books of the Year*”. The photo-book is already on its second printing.

Tariq’s second book “*Sin Salida*” (*No Way Out*), was published by *GOST Books, UK* in October 2021. In March 2022, his work on El Salvador was recognised by *Pictures of the Year International* for the *Premier* category of the “*World Understanding Award*”.

The Art of Rage

Rage is a German urban artist from Hamburg with a wide-spread international presence. He discovered his love for visual arts and for art as an expression of disobedience and non conformism around 1998. For over 25 years Rage has found in graffiti and street art his creative territory. Working by himself or in collaboration with other artists, he has been exploring trains as an urban element of choice and as abstract for his visual narrative. Rage pushes and blurs the boundaries of graffiti, typography and fine art. His interventions are an extension of his disregard of conventional societal norms, a form of protest against the system.

Vlad Sokin

Vlad Sokhin (Russia/Portugal) is an award winning documentary photographer, based in *Libreville, Gabon*. He covers environmental, cultural, and human rights issues around the world, including post-conflict and natural disaster zones.

Vlad has worked on photo, video and radio projects, collaborating with various international media and with the *United Nations* and international NGOs. Vlad’s work has been exhibited and published internationally, including at *Visa Pour L’Image* and *Head On* photo festivals and in the *National Geographic*, *International Herald Tribune*, *Newsweek Japan*, *BBC World Service*, the *Guardian*, *National Geographic Traveler*, *GEO*, *ABC*, *NPR*, *The Atlantic*, *Stern*, *Le Monde*, *Paris Match*, *Esquire*, *Das Magazin*, *WIRE Amnesty International*, *Sydney Morning Herald*, *Marie Claire*, *The Global Mail*, *Publico*, and others.

Vlad is represented internationally by *Panos Pictures*.

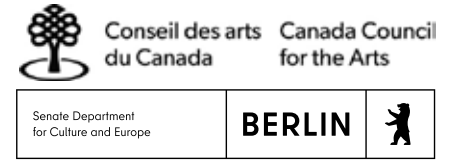
AGRADECIMENTOS

acknowledgments

Diogo Moura
Carlos Moura-Carvalho
Isabel Ninny
Laurentina Pereira
Pauliina Stahhlberg
Ana Paula Amendoeira
Regina Branco
Emília Ferreira
Emília Tavares
Isabel António
Rui Penedo
Alda Galsterer
Fernando Belo
Mariana Castro Henriques
Ana Isabel Borges
Marcos Sá
Rute Reimão
Isabel Corda
Sofia Castro
Alexandre Souto
António Pedrosa
Nicolai Sarbib
Elina Heikka
Carlos Fontes
Fernando Pereira
Vitor Castanheira
Susana Paiva
Jorge Simões
Pedro Alves
Rodrigo Peixoto
Orlando Franco

E todos os que contribuíram
para esta edição /
and all who contributes
to this edition

Patrocínios / Sponsors



Parceiros / Partners



arquivomunicipal de lisboa
fotográfico



CASA DE SANTAR

Single Estate Fine Wines



FICHA TÉCNICA

credits

ORGANIZAÇÃO / ORGANIZATION

Cedilhas e Legendas - associação cultural
contact@imagolisboa.pt
www.imagolisboa.pt

DIREÇÃO / BOARD

Rui Prata
Luísa Ferreira
Sónia Galiza

COORDENAÇÃO / COORDINATION

Rui Prata

PRODUÇÃO / PRODUCTION

Denise Cunha Silva

CURADOR / CURATOR

Rui Prata
GRUPO IANDÉ
Ioana Mello
Gláucia Nogueira

TRADUÇÕES / TRANSLATIONS

Sara Levy

COMUNICAÇÃO / COMMUNICATION

Denise Cunha Silva

IMPRESSÃO FOTOGÁFICA / LAB PRINT

TcArt

REGISTO FOTOGRÁFICO / PHOTOGRAPHY

Hugo David

WEBDESIGN

New Photo Ry

WEBMASTER

André Eusébio

DESENHO GRÁFICO / DESIGNER

New Photo Ry

CARPINTARIA / CHARPENTER

Warehouse

MONTAGEM / HANGING TEAM

Setup (Sérgio Gato)

REDES SOCIAIS / SOCIAL NETWORKS

Denise Cunha Silva

IMPRESSÃO / PRINTING

GUIDE - artes gráficas lda.

